



UC/FPCE-2008

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**QUALIDADE DE VIDA em função do Ciclo Vital da família**

Tânia Sofia Carvalho Marques (e-mail: [tscm\\_mx@hotmail.com](mailto:tscm_mx@hotmail.com))

Dissertação de Mestrado da Área de especialização Psicologia Clínica e Saúde, Sub-área de especialização Sistémica, Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Isabel Alberto

## QUALIDADE DE VIDA em função do Ciclo Vital da família

**Resumo:** O presente estudo avalia as relações existentes entre a percepção de qualidade de vida subjectiva e as etapas do ciclo vital. Avalia, ainda, a influência do género, do nível sócio económico e das formas de família relativamente à percepção de qualidade de vida subjectiva. O estudo baseia-se numa amostra de 295 sujeitos da população geral, com idades compreendidas entre os 20 e os 87 anos, que se disponibilizaram voluntariamente a participar nesta investigação. A recolha de dados realizou-se através de entrevistas individuais e estruturadas, tendo como suporte o questionário *Quality of Life* – Formulário Parental (QOL, Olson & Barnes, 1982).

Os resultados alcançados não revelaram diferenças significativas na percepção da qualidade de vida ao longo das etapas do ciclo vital, nem foram encontradas diferenças quanto ao género. Contudo, os dados obtidos revelam que o nível sócio-económico e as formas de família assumem um peso significativo na percepção de qualidade de vida subjectiva dos seus elementos.

Palavras-chave: Qualidade de vida, ciclo vital, família, género, nível sócio-económico, formas de família.

## QUALITY OF LIFE across Family Life Cycle

**Abstract:** This study examines the relationship existing between perception of subjective quality of life and the family life cycle. Evaluates, in addition, the influence of gender, level of socio economic and forms of family over the perception of subjective quality of life. The study is based on a sample of 295 subjects of the general population, aged between 20 and 87 years old, who agreed to voluntarily participate in this research. Data collection took place through personal interviews and structured, supported by the Quality of Life questionnaire - Form Parental (QOL, Barnes & Olson, 1982).

The results revealed no significant differences in the perception of the quality of life along the stages of the life cycle, nor were differences as to gender. However, data show that the socio-economic level and the forms of family have a significant weight in the perception of subjective quality of life.

Keywords: Quality of life, life cycle, family, gender, socio-economic level, forms of family.

### **Agradecimentos**

Um agradecimento particular à minha orientadora, a Professora Doutora Isabel Alberto, pelo apoio e atenção que sempre nos dedicou, e por nos ter dotado da confiança necessária para prosseguir, mesmo nas horas de maior adversidade. Sem o seu apoio a elaboração desta dissertação não teria sido possível.

Um agradecimento também à minha família por terem sempre acreditado nas minhas capacidades e por me incentivarem a acreditar mais em mim e a perseguir os meus objectivos.

Não posso também deixar de agradecer à minha querida grande amiga Zélia pela disponibilidade e amizade constante.

Tenho de agradecer às meninas da Residência do Pólo II – 1, piso 3, pelo carinho e apoio manifestado ao longo destes cinco anos. Para vocês minhas lindas, aquele abraço!

Por fim, o meu sincero agradecimento a todas as pessoas especiais da minha vida, que me fortaleceram nos momentos de maior fragilidade.

E, como não poderia deixar de ser, aqui fica o meu agradecimento especial a uma pessoa muito especial...O meu namorado Tiago... Obrigado por todos os momentos de felicidade que me proporcionas. Obrigado por tudo...desde a paciência, carinho e compreensão constante ao apoio incondicional.

## Índice

Introdução.....	4
I - Enquadramento conceptual (revisão da literatura).....	4
II - Objectivos.....	13
2.1. Gerais.....	13
2.2. Específicos.....	13
III - Metodologia.....	13, 44
3.1. Descrição da amostra.....	13, 14
3.2. Instrumentos.....	15
3.2.1. Questionário de Dados Sócio-Demográficos.....	15
3.2.2. Ficha de Dados Complementares.....	15
3.2.3. <i>Quality of Life</i> - QOL (Olson & Barnes, 1982).....	16
3.3. Procedimentos.....	17
IV - Resultados.....	18
V - Discussão.....	30
Conclusão.....	43
Bibliografia.....	44
Anexos	

## Introdução

Esta dissertação encontra-se inserida num projecto de investigação mais alargado, que tem como principal objectivo metodológico trabalhar a adaptação dos instrumentos FILE (1981), F-COPES (1981) e *Quality of Life* (1982) para a população portuguesa. Este mesmo projecto tem como objectivos específicos avaliar a variabilidade das medidas em função de algumas variáveis familiares (e.g. etapa do ciclo de vida, composição familiar), caracterizar o *stress*, as estratégias de *coping* e a qualidade de vida familiar em função de algumas problemáticas específicas.

A pertinência deste projecto de investigação baseia-se no facto de alguns estudos, no contexto clínico em particular, terem colocado a hipótese de que o *stress*, que surge de uma acumulação de acontecimentos de vida, estará implicado na etiologia de várias desordens somáticas e psicológicas. Neste sentido, para analisarmos quer as fases do ciclo vital de maior bem-estar individual e familiar, quer as fases em que os indivíduos se podem sentir mais vulneráveis ao *stress*, torna-se pertinente avaliar a qualidade de vida dos indivíduos e da família, bem como as suas variações em função do ciclo vital.

### I – Enquadramento conceptual (revisão da literatura)

Desde o surgimento da Terapia Familiar nos anos 50, vários autores têm procurado compreender a complexidade da organização e funcionamento da dinâmica familiar. Tendo em conta as temáticas abordadas nesta dissertação, há que destacar os trabalhos desenvolvidos por Hill (1949), Duvall (anos 50), Hill e Rodgers (1964), Olson, Russel e Sprenkle (1979, 1980, 1983), McCubbin e Patterson (1982), McGoldrick e Carter (1982), Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen e Wilson (1983), Minuchin e Fishman (1990), Relvas (1996) e Greeff (2000).

Os autores anteriores realizaram esforços para tornar a complexidade da dinâmica familiar um pouco mais inteligível através da realização de diversos estudos. Entre os mesmos, há a salientar o trabalho pioneiro de Hill, “Families under stress” (1949), no qual demonstrou a importância conceptual da coesão e da adaptabilidade familiares na compreensão do *stress* no contexto familiar (Olson *et al.*, 1983).

Hill criou o Modelo ABC-X (1958, *cit in* Olson *et al.*, 1983), para descrever a relevância do stress no contexto familiar, que veio mais tarde a ser trabalhado por McCubbin e Patterson (1982) no Modelo Duplo ABC-X. Este último modelo foca três aspectos preponderantes da dinâmica familiar, que determinam a maneira como a família se adapta a mudanças e transições consideradas normais e esperáveis – *stressores*, *coping* e recursos (Olson *et al.*, 1983).

O Modelo Circumplexo (Olson, Russel & Sprenkle, 1979, 1980, 1983; *cit in* Olson *et al.*, 1983) dos sistemas conjugal e familiar surge relativamente na mesma altura que o modelo anterior, mas com a finalidade de integrar as diversas teorias e conceitos terapêuticos usados para descrever o funcionamento familiar (Greeff, 2000).

O Modelo Circumplexo apresenta como dimensões principais a

coesão, a adaptabilidade e a comunicação. A dimensão comunicação é considerada pelos autores como uma dimensão facilitadora, uma vez que permite aos casais e famílias alterar a coesão e adaptabilidade das suas respectivas famílias. O Modelo Circumplexo dispõe de uma representação gráfica (quadro conceptual) que simboliza os tipos de casais e famílias, na qual são considerados quatro níveis de coesão e quatro níveis de adaptabilidade que, em combinação, formam dezasseis tipos de famílias. Após as famílias ou casais serem identificados por um destes dezasseis tipos, torna-se possível reduzi-los a três tipos básicos: Equilibradas, Médias ou Extremas. Estes três tipos básicos divergem pela posição que ocupam no quadro conceptual do modelo (o tipo Equilibrado situa-se em duas células centrais, o tipo Médio situa-se numa célula central e numa célula extrema e o tipo Extremo situa-se em duas células extremas) (Olson *et al.*, 1983). Segundo Olson e colaboradores, as famílias equilibradas terão geralmente níveis mais elevados de **satisfação conjugal e familiar** (Olson *et al.*, 1983).

Os resultados obtidos por Olson e colaboradores (1983) indicam também que a **satisfação familiar** parece estar fortemente associada à adaptabilidade e coesão familiares, pois os casais que apresentam um elevado índice de satisfação, tendem a avaliar as suas famílias como muito adaptáveis e coesas (Olson, *et al.*, 1983).

Foram ainda encontradas relações moderadas entre a satisfação e a distância ao centro do Modelo Circumplexo (dado que as medidas de satisfação indicam que quanto mais um sujeito se distancia do centro do modelo, menos satisfeito se encontra), entre a satisfação e o *stress* e, ainda, entre a satisfação e os recursos familiares. Assim, os autores verificaram que as famílias que se descrevem como muito adaptáveis e coesas tendem a usar um grande número de recursos, a desfrutar de baixos níveis de *stress* e, portanto, a usufruir de maior qualidade de vida. Por outro lado, os autores concluíram que a satisfação aumenta em conformidade com o aumento dos níveis de coesão e adaptabilidade familiares e que, quando a satisfação é elevada, o *stress* tem menos impacto na família, ou seja, a família demonstra mais resistência a acontecimentos de vida *stressantes*.

A **satisfação** com a vida poderá ser entendida como o resultado de uma avaliação de carácter cognitivo, ou seja, deriva de uma comparação entre a realidade apreendida pelo sujeito e os seus padrões individuais, e, quanto menor for esta diferença maior será o seu nível de satisfação com a vida (Costa & McCrae, 1980; Andrews & Robinson, 1991; Lazarus, 1991; *cit in* Fagulha, 2000). Frisch (1994, *cit in* Fagulha, 2000) «define o constructo “bem-estar subjectivo/felicidade” (*subjective well being or happiness*) por dois componentes: contentamento perante a vida (*life satisfaction*) e afectos positivos e negativos. Os correlatos do bem-estar subjectivo decorrem em grande medida do juízo que cada um faz do seu contentamento perante a vida. A distância percebida entre o que a pessoa tem e o que gostaria de ter, naquelas áreas da sua vida que valoriza, determina o seu grau de contentamento perante a vida. A avaliação subjectiva que cada um faz da realização das(os) necessidades, objectivos e aspirações pessoais traduz-se em “contentamento perante a vida” (*life satisfaction*) que, por sua vez, significa “qualidade de vida” (*quality of life*)» (p.7).

Olson e colaboradores (1983) consideram que as variáveis **satisfação**

**conjugal, satisfação familiar e qualidade de vida** estão interrelacionadas, algo que dificulta a discriminação das mesmas, uma vez que a qualidade de vida subjectiva abrange quer a satisfação familiar quer a conjugal. Nos variados estudos citados na obra anteriormente referida (Andrews & Withey, 1974; Campbell et al., 1976; Glenn & Weaver, 1981; *cit in* Olson et al., 1983) concluiu-se que a satisfação conjugal se correlaciona com a satisfação global com a vida (equivalente à percepção de qualidade de vida subjectiva). Contudo, Campbell e colaboradores descobriram que a satisfação familiar se correlaciona mais fortemente com a satisfação global com a vida do que a satisfação conjugal. No estudo de Olson e colaboradores (1983), verificou-se que a satisfação familiar e conjugal se correlacionam fortemente com a satisfação com a vida como um todo. Todavia, os autores sublinham que a satisfação familiar é mais relevante para a satisfação com a vida do que a satisfação conjugal, corroborando o estudo de Campbell (Olson et al., 1983).

Olson e a sua equipa (1983) analisaram ainda a **satisfação** através do ciclo vital e chegaram a resultados que confirmam as descobertas de diversos estudos (Glenn & McLanahan, 1982, Rollins & Galligan, 1978, Schram, 1979, Spanier & Lewis, 1980, Spanier, Lewis & Cole, 1975, Waldron & Routh, 1981, *cit in* Olson et al. 1983). Olson e seus colaboradores (1983) concluíram que a satisfação conjugal e familiar são mais elevadas na primeira (“Casal sem filhos”) e na última fase do ciclo vital da família (“Família na Reforma”), de acordo com a classificação do ciclo vital proposta pela equipa. Os autores acrescentam que a fase do ciclo vital na qual os elementos se encontram menos satisfeitos é na etapa “Família com filhos adolescentes em casa”, na qual o *stress* familiar se encontra no seu ponto mais elevado. Olson e colaboradores (1983) afirmam que as investigações anteriores têm colocado a ênfase no declínio da satisfação após o nascimento do primeiro filho e o conseqüente aumento da satisfação quando os filhos são “lançados do ninho”. Contudo, esclarece que estas tendências de mudança na satisfação através do ciclo vital representam pequenas variações nos níveis de satisfação e que a diferença mais significativa na satisfação conjugal e familiar ao longo do ciclo vital ocorre entre o “Lançamento” dos filhos (Estádio 6) e a etapa do “Ninho Vazio” (Estádio 7).

Schram (1979, *cit in* Olson et al., 1983) alega que o aumento da **satisfação** nos estádios de “pós-parentalidade” poderá surgir como efeito do facto das mulheres terem mais tempo livre para poderem procurar trabalho ou um papel mais activo fora do contexto familiar. Os homens, ao terem menos encargos financeiros e responsabilidades, têm a possibilidade de desfrutar de maior tempo livre sem preocupações.

Olson e colaboradores (1983) referem que a **qualidade de vida** segue um padrão similar ao obtido com a satisfação conjugal e familiar ao longo do ciclo vital. A principal excepção encontrada foi que a qualidade de vida, para ambos os sexos, nos primeiros estádios do ciclo vital é baixa quando comparada com as outras medidas de satisfação (conjugal e familiar). Porém, de forma similar às outras medidas, aumenta gradualmente ao longo do ciclo vital, atingindo o seu ponto mais alto nos Estádios 7 e 8 (Ninho Vazio e Reforma). Contudo, existe um declínio na percepção da qualidade de vida dos homens no Estádio 4 (Famílias com filhos adolescentes em casa) e das mulheres no Estádio 5 (Famílias “lançadoras”). Uma análise mais

detalhada (realização de testes t), revelou que a qualidade de vida era significativamente mais alta no Estádio 7 (Reforma) do que nos Estádios iniciais 1 e 2 (Jovens casais sem filhos e Família com filhos pequenos e famílias com filhos em idade pré-escolar). Olson e colaboradores (1983) concluíram que, em termos gerais, os homens apresentam uma maior percepção de qualidade de vida subjectiva do que as mulheres, embora esta diferença não seja estatisticamente significativa. Ainda em relação às diferenças de género, Olson e colaboradores (1983), referem que as mulheres encontram-se mais satisfeitas com as actividades de lazer, amigos e religião, enquanto os homens encontram-se mais satisfeitos com a comunicação entre o casal.

No que concerne à concepção da **qualidade de vida**, Olson e colaboradores (1983), consideram que esta pode ser medida por dois métodos distintos: a) através de uma avaliação objectiva da qualidade de vida (e.g. através de indicadores específicos sociais e económicos); b) através de uma avaliação subjectiva da qualidade de vida (avaliação da percepção de satisfação do indivíduo tendo em conta a sua realidade objectiva). Campbell e colaboradores (1976, *cit in* Olson *et al.*, 1983), relacionam estas duas formas de avaliação da qualidade de vida como a diferença entre o nível de atributos objectivos e as expectativas e aspirações no que diz respeito a aspectos importantes na vida do indivíduo. No entanto, torna-se complexo avaliar um conceito que não se encontra bem clarificado em termos conceptuais e metodológicos e, apesar da proliferação de estudos, não existe consenso no que se refere à abordagem das várias disciplinas que se debruçam sobre o mesmo (Berlim & Fleck, 2003; Cummins, 2005; Seidl & Zannon, 2004).

Numa tentativa de clarificar o conceito e de criar uma base teórica consistente, bem como um instrumento que permita uma avaliação mais efectiva, tendo por base uma abordagem multicultural, a Organização Mundial de Saúde (OMS) realizou um dos maiores estudos nesta área e definiu a qualidade de vida como “a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação aos seus objectivos, expectativas, padrões e preocupações” (World Health Organization, 1997). Este estudo permitiu a uniformização de algumas abordagens no âmbito da qualidade de vida e resultou na elaboração de duas escalas, a World Health Organization Quality of Life Assessment – 100 (WHOQOL - 100) e a WHOQOL – BRIEF (World Health Organization, 1997), que já foram validadas e aferidas para diversos países, entre os quais Portugal (Canavarro, *et al.* 2006).

Actualmente existem diversos instrumentos que pretendem avaliar a **qualidade de vida** (Berlim & Fleck, 2003). No campo da avaliação da qualidade de vida familiar, entre os instrumentos utilizados encontram-se o *Quality of Life* (Olson & Barnes, 1982), o *Family Quality of Life Survey – FQOL* (Verdugo, Córdoba & Gómez, 2005) e o *Beach Center Family Quality of Life Scale* (Summers *et al.*, 2005), embora estes dois últimos estejam mais associados à avaliação da qualidade de vida em famílias que tenham crianças com inaptidões.

Uma característica comum aos vários estudos acerca da **qualidade de vida** é a medição da satisfação em domínios específicos. A satisfação em relação a cada domínio é um julgamento subjectivo e individual da medida

em que as necessidades e interesses pessoais são satisfeitos pelo contexto no qual o sujeito se insere (Olson, *et al.*, 1983).

No que respeita à avaliação da **satisfação** (conjugal, familiar ou global), os instrumentos mais utilizados são a *Enriching and Nurturing Relationship Issues, Communications and Happiness Scale* (ENRICH), de Olson, Fournier e Druckman, a *Marital Adjustment Scale* de Locke Wallace, a *Family Satisfaction Scale* de Olson e Wilson e o *Delighted-Terrible Scale* de Andrews e Withey (*cit in* Retting & Leichtentritt, 1999).

Greeff (2000) realizou um estudo com o objectivo de descobrir as características das famílias que funcionam bem. O autor concluiu que as famílias que funcionam bem são caracterizadas por um elevado grau de satisfação sentido pelos seus membros em relação à coesão e adaptabilidade familiares, resultados que corroboram os encontrados por Olson e Wilson (1985, *cit in* Greeff, 2000).

No referido estudo, Greeff avaliou a **qualidade de vida** e a **satisfação** familiares em função de uma classificação do ciclo vital familiar que apresentou (Casais sem filhos, Famílias cujo filho mais velho ainda não entrou para a escola primária, Famílias cujo filho mais velho é adolescente e ainda está em casa e Famílias cujo filho mais velho já saiu de casa) e chegou a alguns resultados interessantes (Greeff, 2000).

Greeff (2000) concluiu que o estágio que obteve um maior nível de satisfação foi o 4 (Famílias cujo filho mais velho já saiu de casa), no qual as famílias têm mais tempo livre para o lazer e para administrar melhor as suas finanças e o seu tempo, resultados que vão também de encontro aos divulgados por Olson e colaboradores (1983). O autor constatou que existem diferenças na percepção de qualidade de vida subjectiva ao longo das etapas no que toca à adaptabilidade (os homens que se encontravam no estágio casais sem filhos demonstraram estar mais satisfeitos com o nível de adaptabilidade do que os homens que se encontravam nos estádios famílias cujo filho mais velho ainda não entrou para a escola primária e famílias cujo filho mais velho é adolescente e ainda está em casa). Ainda existem diferenças referentes à satisfação com os papéis familiares (as mulheres no estágio casais sem filhos se encontravam muito mais satisfeitas com o papel que assumiam na família do que as mulheres que se encontravam nos estádios famílias cujo filho mais velho ainda não entrou para a escola primária e famílias cujo filho mais velho já saiu de casa) (Greeff, 2000).

Greeff (2000) refere ainda que os casais no Estádio 1 (Casais sem filhos) indicam um maior nível de adaptabilidade do que os casais nos Estádios 2 (Famílias cujo filho mais velho ainda não entrou para a escola primária) e 3 (Famílias cujo filho mais velho é adolescente e ainda está em casa).

O autor, referido no parágrafo anterior, verificou ainda que os homens demonstraram estar mais satisfeitos do que as mulheres em termos do nível e tipo de comunicação existente entre o casal, resultados que vieram corroborar os obtidos por Olson e colaboradores (1983) e por Hawkins, Weisberg e Ray (1980, *cit in* Greeff, 2000). Ainda em relação às diferenças de género, o autor considera que, em termos globais, as diferenças não são significativas.

Para além de Greeff, outros autores tais como Berry e Williams (1987), Pittman e Lloyd (1988) e Spanier e Lewis (1980), confirmaram

existir uma relação entre a satisfação com a qualidade de vida e o bom funcionamento familiar (*cit in* Greeff, 2000). Como conclusão do seu estudo, Greeff referiu alguns aspectos que influenciam a qualidade da relação conjugal que, por sua vez, contribui para o bom funcionamento familiar. Esses aspectos são: a resolução de conflitos tendo em vista a satisfação mútua, a flexibilidade e a cumplicidade existente entre os elementos do casal, a satisfação dos cônjuges relativamente à expressão de afecto entre eles, o papel e importância da sexualidade e a existência de relações interpessoais significativas dentro e fora do contexto familiar (amigos). O autor acrescenta ainda que nas famílias que funcionam bem, as necessidades e interesses pessoais dos seus elementos se encontram satisfeitos.

Porém, o funcionamento familiar só poderá ser totalmente compreendido no contexto do percurso familiar ao longo do tempo. No entanto, o desenvolvimento familiar, devido à complexidade inerente, tem sido pouco estudado quando comparado com o desenvolvimento individual, algo também devido às limitações que os estudos nesta área acarretam como o serem necessários estudos longitudinais e o facto do desenvolvimento familiar não ser facilmente visível (Alarcão, 2002). Segundo Relvas (2004): *«o desenvolvimento familiar reporta-se à mudança da família enquanto grupo, bem como às mudanças nos seus membros individuais (...) o carácter desenvolvimentista desta abordagem reside especificamente na identificação de uma sequência previsível de transformações na organização familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas; a essa sequência dá-se o nome de ciclo vital e essas tarefas caracterizam as suas etapas»* (p.16).

Apesar das dificuldades intrínsecas às investigações desta temática, alguns investigadores aventuraram-se a explorá-la. O sociólogo Duvall foi um pioneiro nesta área ao apresentar, nos anos 50, a primeira classificação de estádios do ciclo vital, onde introduziu ainda a noção de tarefas de desenvolvimento características de cada estádio.

Duvall dividiu o ciclo vital familiar em 8 estádios e, para delimitação dos mesmos, considerou como critérios a presença de crianças e a idade do filho mais velho (*cit in* Relvas, 2004). O autor denominou o primeiro estádio por “Casais sem filhos”, o segundo estádio por “Famílias com recém-nascido (filho mais velho: nascimento – 30 meses)”, o terceiro estádio por “Famílias com crianças em idade pré-escolar (filho mais velho: 2, 5-6 anos)”, o quarto estádio por “Famílias com crianças em idade escolar (filho mais velho: 6-13 anos)”, o quinto estádio por “Famílias com filhos adolescentes” (filho mais velho: 13-20 anos), o sexto estádio por “Famílias com jovens adultos (saída do primeiro filho – saída do último filho)”, o sétimo estádio por “Casal na meia-idade” (“Ninho vazio” - Reforma) e, por fim, o oitavo estádio foi designado por “Envelhecimento” (Reforma – morte de um ou ambos os cônjuges) (*cit in* Relvas, 2004).

Em 1964, Hill e Rodgers propõem uma nova classificação do ciclo vital que se divide em 5 estádios. O primeiro estádio foi designado por “Jovem casal sem filhos”, o segundo estádio foi intitulado “Estádio expansivo” (junção do primeiro filho para constituir, «fechar», a família), o terceiro estádio foi nomeado de “Estádio estável” (período de educação dos filhos até que o primeiro saia de casa), o quarto estádio foi assinalado como “Estádio de contracção” (período de saída, «lançamento» - *launching* - dos

filhos no exterior, até que o último saia de casa) e, por fim, o quinto estágio foi denominado “Estádio pós-parental” (de novo casal sem filhos) (*cit in* Relvas, 2004).

Em 1982, Mónica McGoldrick e Elizabeth Carter propõem uma diferente categorização do ciclo vital da família tendo por base a abordagem multigeracional desenvolvida por Murray Bowen (*cit in* Relvas, 2004). As autoras apresentam 6 estádios com o respectivo processo emocional de transição e com as mudanças de segunda ordem necessárias ao processo de desenvolvimento (Carter & McGoldrick, 2001). O primeiro estágio foi denominado por “Lançamento do jovem adulto solteiro” (ou “Entre famílias: o jovem adulto independente”, segundo Relvas, 2004), o segundo estágio foi intitulado de “União das famílias através do casamento: o novo casal”, o terceiro estágio foi designado por “Famílias com filhos pequenos”, o quarto estágio diz respeito às “Famílias com filhos adolescentes”, o quinto estágio “Lançando os filhos e seguindo em frente” (ou “Saída dos filhos”, de acordo com Relvas, 2004), e o sexto estágio desta classificação foi designado por “A família no estágio tardio da vida” (ou “Última fase da vida em família”, segundo Relvas, 2004) (Carter & McGoldrick, 2001; Relvas, 2004).

Tendo por base o trabalho desenvolvido por Hill e Rodgers (1964), Olson e colaboradores propuseram em 1983 uma outra classificação do ciclo vital (Olson *et al.*, 1983). Consideraram como critérios para a delimitação das etapas do ciclo vital da família a idade do filho mais velho, a quantidade de transições e mudanças requeridas como resposta às necessidades desenvolvimentais e a mudança dos objectivos familiares. Tendo em conta os três critérios anteriores, os autores dividiram o ciclo vital em 7 etapas, sendo a primeira etapa denominada por “Jovens casais sem filhos”, cuja principal tarefa desenvolvimental é a formulação e negociação dos objectivos individuais *versus* os objectivos do casal bem como de estilos de vida reciprocamente adoptáveis (Olson *et al.*, 1983), ou seja, o estabelecimento de uma relação conjugal mutuamente satisfatória tal como a preparação para a gravidez e para a parentalidade (Duvall, *cit in* Relvas, 2004). Esta fase implica também o desenvolvimento de relações íntimas com um parceiro e formação de um novo sistema, o conjugal; em consonância, surge ainda a necessidade de um realinhamento das relações com as famílias de origem e com os amigos de modo a incluir o cônjuge (Carter & McGoldrick, 2001).

A segunda etapa foi intitulada de “Famílias com filhos pequenos e famílias com filhos em idade pré-escolar”, na qual a família se encontra centrada na prestação de cuidados aos filhos e os pais são considerados as fontes primárias de informação e controlo (Olson *et al.*, 1983). Este estágio tem como principal tarefa o ajustamento às necessidades e interesses de uma criança dependente no sentido da sua estimulação e promoção do seu desenvolvimento (Duvall, *cit in* Relvas, 2004). Implica, ainda, o ajustamento do subsistema conjugal (criar espaço para os filhos), o assumir papéis parentais e o realinhamento das relações com as famílias de origem a fim de nelas incluir os papéis parentais e os avós (Carter & McGoldrick, 2001).

A terceira etapa designa-se por “Famílias com filhos em idade escolar”, na qual a família se preocupa com a educação e socialização dos filhos (Olson *et al.*, 1983). A principal tarefa desta fase é o assumir de responsabilidades com crianças em meio escolar e o relacionamento com

outras famílias na mesma fase (Duvall, *cit in* Relvas, 2004).

A quarta etapa intitula-se por “Famílias com filhos adolescentes em casa”, na qual a família renegoceia novas regras/limites e prepara os adolescentes para a saída de casa (Olson *et al.*, 1983). Este estágio tem como tarefa elementar facilitar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade, partilha desta tarefa com a comunidade e estabelecimento de interesses pós-parentais (Duvall, *cit in* Relvas, 2004). Ocorre uma mudança nas relações pais-filhos – possibilitar aos filhos as entradas e saídas no sistema; recentração nos aspectos da vida conjugal da meia-idade e das carreiras profissionais, e o início da função de suporte à geração mais velha (Carter & McGoldrick, 2001).

Na quinta etapa “Famílias de lançamento dos filhos para o exterior ou famílias lançadoras” – *Launching families*, dá-se a renegociação das tarefas e regras parentais (desenvolvimento de relações adulto-adulto), bem como do subsistema conjugal como díade e, enquanto os adolescentes preparam-se para sair de casa e assumir novos papéis fora da unidade familiar, surge um realinhamento das relações com os parentes por afinidade e, também, a necessidade de lidar com as incapacidades e morte dos pais/avós (Carter & McGoldrick, 2001; Olson *et al.*, 1983). Este estágio tem como tarefa fundamental permitir a separação e o “lançamento” dos filhos no exterior, com rituais e assistência adequada (primeiro emprego ou educação superior) e manutenção de uma base de suporte familiar (Duvall, *cit in* Relvas, 2004).

Na sexta etapa, que se intitula “Ninho Vazio”, as famílias são definidas pela ausência de filhos em casa. A família volta a centrar-se nas necessidades do casal (reconstrução da relação de casal) e no estabelecer de relações diferenciadas com os filhos e netos (redefinição das relações com as gerações mais velhas e mais novas), embora os pais ainda assumam, por vezes, um papel de orientação dos filhos (Duvall, *cit in* Relvas, 2004; Olson *et al.*, 1983).

A sétima etapa designa-se por “Famílias na reforma”, na qual as famílias já acabaram a supervisão e educação dos filhos e estão ocupadas com o sustento e manutenção do casal, assim como com as relações com as respectivas famílias de origem e amigos (Olson *et al.*, 1983). A principal tarefa deste estágio é o ajustamento à reforma, conjuntamente com o aprender a lidar com as perdas (lutos) e a viver sozinho e, também, a adaptação ao envelhecimento (Duvall, *cit in* Relvas, 2004). Há, ainda, a manutenção de interesses próprios e/ou do casal, a exploração de novas opções familiares e sociais; o papel de destaque da geração intermédia (filhos); a aceitação da experiência e sabedoria dos mais velhos; o suporte da geração mais velha sem super-protecção; a aceitação da perda do cônjuge, irmãos e outros da mesma geração; preparação para a morte, revisão e integração da própria vida (Carter & McGoldrick, 2001).

É esta a classificação do ciclo vital que o instrumento Quality of Life (1982) serve. Dado que este foi o instrumento utilizado para a recolha de dados acerca da qualidade de vida para a elaboração desta dissertação, será esta mesma classificação que irei seguir para analisar os resultados.

Em 1990, Minuchin e Fishman propuseram uma apresentação do ciclo vital familiar que se divide em apenas 4 estádios, sendo o primeiro a “Formação do casal”, o segundo as “Famílias com filhos pequenos”, o

terceiro as “Famílias com filhos em idade escolar ou adolescentes” e o quarto “Famílias com filhos adultos” (Relvas, 2004).

No que concerne ao contexto português, em 1996 surge uma nova classificação do ciclo vital proposta por Relvas que o divide em cinco etapas. A primeira etapa é a “Formação do casal”, a segunda etapa “Família com filhos pequenos”, a terceira “Família com filhos na escola”, a quarta “Família com filhos adolescentes” e, por último, a quinta etapa “Família com filhos adultos” (*empty-nest*) (*cit in* Relvas, 2004).

Em jeito de conclusão, convém referir que as transições de uma etapa para a seguinte nem sempre ocorrem de forma tranquila. Há a possibilidade da família bloquear no seu desenvolvimento, não conseguindo transitar para a fase seguinte e necessitar de ajuda para conseguir efectivar essa mudança. Segundo Jay Haley (*cit in* Relvas, 2004), o surgimento do sintoma sinaliza precisamente esse bloqueio e o papel do terapeuta deve centrar-se no objectivo de devolver à família a capacidade de retomar o seu processo normal de desenvolvimento. É neste sentido que o ciclo vital surge como um instrumento útil de avaliação e intervenção terapêutica. “A conceptualização do ciclo vital da família dá um contributo valioso para o seu estudo, ao centrar-se na evolução temporal das interacções (...) e ao perspectivar a continuidade, transformando-se num instrumento clínico importante para o diagnóstico e planeamento da intervenção. Deve, no entanto, ser utilizado com algumas cautelas, já que comporta riscos de «normalização» e espartilhamento da realidade familiar, quando aplicado numa perspectiva simplista e linear que escamoteie a individualidade de cada família” (*idem*, p.25).

A avaliação da qualidade de vida surge também como um indicador fulcral no que toca ao bem-estar familiar, à saúde dos indivíduos e grupos sociais nos quais está inserido. Desta forma, permite a prevenção de distúrbios físicos, psicológicos e de comportamentos de risco. Isto porque, uma reduzida satisfação com a vida poderá ser considerado como um “sinal de risco” no que toca a um possível desenvolvimento de variadas perturbações, entre as quais, as perturbações a nível físico com causa psicossomática (Frisch, 1994), perturbações de sintomatologia depressiva (Beck, 1976), problemas a nível conjugal (McCabe, 1997) e familiar ou até mesmo de adição (Frisch, 1993; Spalding, 1997), (*cit in* Fagulha, Duarte & Miranda, 2000). Ainda em relação à avaliação da qualidade de vida, Fonseca (2006) refere que um estudo realizado a nível europeu constatou que os portugueses são um dos povos mais insatisfeitos com a sua vida.

É neste contexto que se revela a importância do estudo da qualidade de vida ao longo do ciclo vital da família de forma a podermos compreender um pouco melhor o funcionamento familiar e a influência do mesmo na percepção de qualidade de vida subjectiva dos seus membros. Neste sentido, surge ainda a necessidade de sabermos se em Portugal obtêm-se resultados semelhantes aos de outros estudos previamente efectuados.

## II – Objectivos

### 3.1. Gerais

Este estudo, de carácter exploratório, tem como principal objectivo avaliar a influência das etapas do ciclo vital da família na percepção da qualidade de vida subjectiva para, deste modo, ser possível analisar as fases do ciclo vital que são consideradas como propensas a um maior bem-estar subjectivo e as fases em que os indivíduos podem estar mais vulneráveis ao *stress* devido a uma menor qualidade de vida percebida.

Tendo em conta os resultados de investigações anteriores, espera-se que as fases ligadas à parentalidade estejam associadas a uma percepção de menor qualidade de vida (Schram, 1979, *cit in* Olson *et al.*, 1983; Greeff, 2000). Neste sentido, espera-se que a qualidade de vida nos primeiros estádios do ciclo vital seja percebida como relativamente baixa mas que aumente gradualmente ao longo das várias etapas e que atinja o seu ponto mais elevado nos estádios 7 e 8 (*Família na reforma* e *Ninho Vazio*) (Olson *et al.*, 1983).

### 3.2. Específicos

No âmbito do objectivo principal deste estudo, pretendemos ainda analisar a variação da qualidade de vida em função do género, do nível socio-económico e das formas de família.

No que concerne às diferenças de género, espera-se que esta variável, em termos gerais, tenha pouca influência na percepção subjectiva da qualidade de vida (Andrews & Withey, 1976; Campbell, Converse & Rogers, 1996; Diener, 1984, *cit in* Mercier, Péladeu & Tempier, 1998). Contudo, tendo em conta os resultados obtidos por Olson e colaboradores (1983), espera-se que a qualidade de vida nos primeiros estádios do ciclo vital seja percebida como baixa por ambos os sexos mas aumente de forma gradual ao longo do ciclo vital. Porém, tendo em conta esses mesmos resultados, é de esperar um declínio na satisfação dos homens no Estádio 4 (*Famílias com filhos adolescentes em casa*) e na satisfação das mulheres no Estádio 5 (*Família “lançadora”*).

Relativamente às restantes variáveis, gostaríamos de verificar se as diferentes formas de família têm alguma influência na qualidade de vida percebida pelos seus elementos e, se, o nível sócio-económico familiar é determinante, ou não, para uma percepção mais elevada da qualidade de vida subjectiva.

## III – Metodologia

### 3.1. Descrição da amostra

A amostra estudada é constituída por 295 sujeitos da população geral que se disponibilizaram voluntariamente a preencher os questionários, sendo 34,9% do sexo masculino (N = 103) e 65,1% do sexo feminino (N = 192). As idades variam entre os 20 e os 87 anos, sendo que a média de idades é de 43,33 (DP = 14,271)<sup>1</sup>. Relativamente ao nível sócio-económico<sup>1</sup> dos sujeitos,

<sup>1</sup> De acordo com a classificação proposta por Simões (1994).

verifica-se que 58,2% (N=171) dos sujeitos pertence ao nível sócio-económico médio; 30,6% (N=90) pertence ao nível sócio-económico baixo e 11,2% (N=33) pertence ao nível sócio-económico elevado. Por sua vez, a etapa do ciclo vital mais representada é o Estádio 5 “*Famílias lançadoras*” com 24,7% (N=73) e a menos representada é o Estádio 4 “*Famílias com filhos adolescentes*” com 11,5% (N=34). O Estádio “*Família na Reforma*” não se encontra representado nesta amostra. No que concerne às formas de família, a Nuclear intacta é a mais representada com 76,6% (N = 226) dos sujeitos, e a Monoparental é a menos representada, tendo apenas 3,4% (N = 10) do total da amostra.

**Tabela 1: Descrição da amostra**

Variável	N	%
<b>Género</b>		
Masculino	103	34,9
Feminino	192	65,1
<b>TOTAL</b>	<b>295</b>	<b>100</b>
<b>Idade</b>		
20-30	59	20,0
31-41	98	33,2
42-52	71	24,2
53-63	38	13
64-75	15	4,9
76-87	14	4,9
<b>TOTAL</b>	<b>295</b>	<b>100</b>
<b>Nível sócio-económico</b>		
Baixo	90	30,6
Médio	171	58,2
Elevado	33	11,2
<b>TOTAL<sup>2</sup></b>	<b>294</b>	<b>100</b>
<b>Etapa do Ciclo Vital</b>		
Casal sem filhos	46	15,6
Família com filhos pequenos/pré-escolar	44	14,9
Família com filhos em idade escolar	46	15,6
Família com filhos adolescentes	34	11,5
Família “lançadora”	73	24,7
Ninho Vazio	50	16,9
Família na Reforma	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>295</b>	<b>100</b>
<b>Formas de Família</b>		
Nuclear intacta	226	76,6
Pós-divórcio	20	6,8
Monoparental	10	3,4
Reconstituída	39	13,2
<b>TOTAL</b>	<b>295</b>	<b>100</b>

<sup>2</sup> Missing values = 1

### 3.2. Instrumentos

O protocolo utilizado nesta investigação foi constituído por cinco instrumentos, nomeadamente, um questionário de dados sócio-demográficos<sup>3</sup>, uma ficha de dados complementares<sup>4</sup>, o inventário *Quality of Life – Formulário parental*<sup>5</sup> (Olson & Barnes, 1982) e Formulário para adolescentes (*idem*), o *Family Inventory of Life Events and Changes – FILE* (McCubbin, Patterson & Wilson, 1981) e o *Family Crisis Oriented Personal Evaluation Scales – F-COPES* (McCubbin, Olson & Larsen, 1988).

O presente estudo, em particular, inclui apenas os três primeiros questionários, os quais iremos de seguida descrever com maior pormenor.

#### 3.2.1. Questionário de Dados Sócio-Demográficos

O questionário sócio-demográfico utilizado foi elaborado pela equipa de trabalho do ano anterior, com o objectivo de avaliar algumas das variáveis importantes para a investigação em curso. Neste sentido, o questionário contempla as seguintes variáveis: nacionalidade, local de residência, composição do agregado familiar (parentesco, idade, estado civil, data de alteração do estado civil, habilitações literárias e profissão principal – variáveis requeridas ao respondente sobre ele próprio e sobre os restantes elementos do agregado familiar), religião, número de filhos e a situação na profissão da principal fonte de suporte da família. No final do questionário, encontram-se duas questões a serem preenchidas pelo entrevistador. Estas questões dizem respeito à etapa do ciclo vital (segundo Olson e colaboradores, 1983) em que a família se encontra e ao nível sócio-económico familiar (de acordo com a classificação de Simões, 1994).

#### 3.2.2. Ficha de Dados Complementares

A ficha de dados complementares foi igualmente desenvolvida pela equipa de investigação no ano anterior e, embora tenha comportado alguns reajustes este ano, mantém o intuito de aceder a um conjunto de informações relativas ao historial médico do respondente e da sua família.

Na primeira parte, o questionário averigua a existência ou não de alguma doença crónica ou de outro tipo de doença(s)/problema(s) na família, tal como, qual o impacto e a gravidade percebida pelo respondente. Posteriormente, procura-se analisar que tipos de apoio é que a família considera como os mais “acessíveis”, ou seja, com os quais pode contar no âmbito da doença ou numa situação difícil, considerando algumas fontes de suporte (família chegada, família alargada, comunidade e instituições). De seguida, é questionada a avaliação global do sujeito no que diz respeito ao *stress* familiar, à qualidade de vida da família e ao modo como a sua família se adapta às dificuldades.

A segunda parte do questionário contempla questões mais específicas, mais precisamente, o número de vezes (em média) por ano que o respondente recorre ao seu Centro de Saúde/Instituição de saúde, assim como os cinco principais motivos pelos quais a sua família costuma recorrer ao àquela instituição; se, no último ano, sofreu algum acidente, qual o tipo

---

<sup>3</sup> Consultar anexo 1.

<sup>4</sup> Consultar anexo 2.

<sup>5</sup> Consultar anexo 3.

de acidente; se no último ano alguém que lhe é significativo sofreu um acidente, qual o tipo de relação que tem com essa pessoa e qual foi o tipo de acidente; se, no último ano, faleceu alguém que lhe era significativo e qual o tipo de relação que tinha com essa pessoa; se, no último ano, alguém que lhe é significativo se divorciou e qual a relação que tem com essa pessoa; e, por fim, se já alguma vez a sua família recorreu a algum tipo de ajuda psicológica e que tipo de instituição, tipo de pedido, duração do apoio e se esse apoio ainda se mantém.

### 3.2.3. *Quality of Life* - QOL (Olson & Barnes, 1982)

O *Quality of Life* é um inventário de auto-resposta desenvolvido por David Olson e Howard Barnes (1982, cit in Olson *et al.*, 1985) que pretende avaliar a percepção individual de bem-estar subjectivo e satisfação com a vida. Neste inventário é requerido aos sujeitos que respondam de acordo com o seu grau de satisfação relativamente a cada situação em questão. A escala de resposta é de tipo Likert com cinco pontos, em que 1 corresponde a “Insatisfeito” e 5 a “Extremamente Satisfeito”. Para efeitos de cotação, a um resultado mais elevado corresponde um maior nível de satisfação com a qualidade de vida.

Este instrumento tem duas versões, uma destinada aos pais (Formulário parental) e outra destinada aos adolescentes (Formulário para adolescentes). A versão para pais é constituída por 40 itens e a versão para adolescentes é constituída por 25 itens (sendo 19 itens comuns a ambas as escalas).

A versão original desta escala permite obter dois indicadores principais: o resultado total de Qualidade de Vida subjectiva percebida e os resultados por dimensões. A referida versão original é constituída por 11 dimensões: *Vida familiar* (Factor 1), *Amigos* (Factor 2), *Família alargada* (Factor 3), *Saúde* (Factor 4), *Lar* (Factor 5), *Educação* (Factor 6), *Lazer* (Factor 7), *Religião* (Factor 8), *Mass media* (Factor 9), *Bem-estar económico-financeiro* (Factor 10), *Vizinhança e Comunidade* (Factor 11).

Os domínios presentes em ambas as versões (Formulário parental e Formulário para adolescentes) são basicamente os mesmos, no entanto, os domínios *Casamento* e *Emprego* estão presentes unicamente no Formulário parental e os domínios *Lazer* e *Família alargada* estão apenas presentes no Formulário para adolescentes.

Uma vez que estas escalas ainda não se encontram aferidas para a população portuguesa, foram utilizadas as versões (Formulário parental e Formulário para adolescentes) traduzidas e adaptadas, segundo os critérios de validação transcultural da Organização Mundial de Saúde (Canavarro, *et al.* 2006), pelos nossos colegas do Mestrado Integrado de 2006/2007, através da realização de um estudo exploratório com uma amostra específica (população que recorreu no ano passado a Centros de Saúde ou de Terapia Familiar).

Dado que esta dissertação apenas se debruça sobre a análise da qualidade de vida nos adultos, apenas serão analisados os dados relativos à escala Qualidade de Vida – Formulário Parental. Esta versão, tal como a versão original da escala, é igualmente constituída por 11 factores: *Bem-estar financeiro* (Factor 1), *Tempo* (Factor 2), *Vizinhança e Comunidade*

(Factor 3), *Casa* (Factor 4), *Mass media* (Factor 5), *Relações Sociais e Saúde* (Factor 6), *Emprego* (Factor 7), *Religião* (Factor 8), *Família e conjugalidade* (Factor 9), *Filhos* (Factor 10) *Educação* (Factor 11).

No que respeita à precisão do *Quality of Life*, Olson e colaboradores (1985) obtiveram um índice de consistência interna de 0,92, valor equivalente ao obtido pela colega do Mestrado Integrado 2007/2008 que está a realizar a validação do instrumento para Portugal, que foi de 0,922. Os resultados encontrados pela colega, no que toca à análise da consistência interna do QOL, encontram-se expostos na tabela 2.

A análise dos 11 factores, em função dos valores de *Alpha de Cronbach*, permite conferir que todos os factores são considerados admissíveis, uma vez que variam entre 0,735 e 0,979.

**Tabela 2: Consistência interna do QOL (Formulário Parental)**

Dimensões	Alpha de Cronbach
Bem-estar Financeiro	,89
Tempo	,979
Vizinhança e Comunidade	,888
Casa	,90
Mass media	,805
Relações sociais e saúde	,735
Emprego	,739
Religião	,971
Família e conjugalidade	,797
Filhos	,796
Educação	,825
<b>ESCALA TOTAL</b>	<b>,922</b>

### 3.3. Procedimentos

O processo de investigação passou por várias etapas. Numa primeira fase, tendo em vista a uniformização do processo, foi realizada uma reunião com todos os membros da equipa de investigação para definição dos objectivos específicos da investigação, estabelecimento de um guia de aplicação do protocolo de investigação, identificação da população-alvo (definição dos elementos/famílias constituintes da amostra) e delineação da metodologia de registo da amostra.

A amostra utilizada neste estudo é composta por elementos da população geral, que aceitaram participar de forma voluntária e anónima na investigação de acordo com a conveniência do investigador. Trata-se, pois, segundo Dommermuth (1975, *cit in* Ribeiro, 2007) de uma amostra não probabilística de conveniência.

Na eventualidade de surgirem algumas complicações durante a aplicação dos questionários, ficou previamente definido que: a) caso surjam dúvidas no decorrer da aplicação dos questionários, o procedimento a adoptar será o de apenas reler em voz alta; b) no caso particular da população idosa (e não só) há a necessidade de antecipar que esta poderá ter

alguma dificuldade em fazer o preenchimento dos questionários sem abordar outros temas e que, nestas circunstâncias, deveríamos solicitar à pessoa que naquele momento se concentre apenas no preenchimento do questionário e que, então no final da aplicação, nos comprometíamos a falar acerca de outros assuntos; c) no caso de surgirem indivíduos iletrados, estes não serão excluídos, no entanto, nos questionários de auto-resposta as instruções e os itens serão lidos em voz alta ao indivíduo pelo investigador que irá assinalar também a resposta (durante esta leitura o investigador deverá manter o mesmo tom de voz e ritmo com o objectivo de minimizar o grau de interferência na resposta do indivíduo).

A aplicação dos instrumentos foi feita segundo uma ordem estabelecida antecipadamente; primeiro o questionário sócio-demográfico, de seguida a ficha de dados complementares (ambos os instrumentos eram aplicados sob a forma de entrevista estruturada) sucedendo-se as escalas Qualidade de Vida, FILE e F-COPES.

A segunda fase do processo de investigação baseou-se essencialmente, na recolha de dados que se realizou entre 15 de Novembro de 2007 e 31 de Janeiro de 2008. Esta recolha de dados foi feita através de entrevistas individuais. No início da entrevista, agradeceu-se a participação dos sujeitos e foram fornecidas algumas informações acerca dos objectivos gerais do estudo e as instruções relativas ao preenchimento dos questionários, assegurando-se a confidencialidade e anonimato das respostas.

Na terceira fase do processo de investigação operou-se a construção da base de dados e foi feita a respectiva análise dos mesmos através de procedimentos estatísticos através do programa SPSS 15.0 FOR WINDOWS, cujos principais resultados serão sucintamente descritos nos pontos que se seguem.

#### IV – Resultados

Dado que o principal objectivo desta dissertação é avaliar a influência das etapas do ciclo vital da família na percepção da qualidade de vida subjectiva, são primeiramente apresentados os resultados obtidos nesta investigação com a escala QOL relativamente à qualidade de vida total e às suas respectivas dimensões, em termos dos valores da média, desvios-padrão e dos valores mínimos e máximos (tabela 3).

**Tabela 3: Resultados do QOL (Dimensões e QV Total)**

Dimensões	Média	DP	Mínimo	Máximo
<b>Financeiro</b>	16,81	4,83	6	30
<b>Tempo</b>	11,24	3,74	4	20
<b>Vizinhança e Comunidade</b>	17,62	4,17	6	30
<b>Casa</b>	17,47	3,58	7	25
<b>Mass Media</b>	8,21	2,11	3	15
<b>Relações Sociais e Saúde</b>	13,89	2,56	9	20
<b>Emprego</b>	6,28	2,39	0	10

Religião	6,15	1,60	2	10
Família e conjugalidade	7,75	1,82	2	10
Filhos	7,53	2,42	0	10
Educação	6,08	1,86	2	10
<b>QV Total</b>	<b>125,32</b>	<b>19,97</b>	<b>86</b>	<b>196</b>

Com o intuito de testarmos se a distribuição amostral é normal, foi efectuado o teste de Kolmogorov-Smirnov (K-S) com a correcção de Lilliefors (Maroco, 2007). Os resultados, que se encontram abaixo expostos, permitem-nos concluir com uma probabilidade de erro de 5% que a distribuição não é normal, dado que  $p < 0,05$  para todos os factores do QOL e para a qualidade de vida total inclusivamente.

**Tabela 4: Teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov para o QV Total e factores do QOL**

Factores	Kolmogorov-Smirnov(a)		
	Statistic	N	p.
Financeiro	,081	295	,000
Tempo	,128	295	,000
Vizinhança e Comunidade	,128	295	,000
Casa	,101	295	,000
Mass Media	,176	295	,000
Relações Sociais e Saúde	,140	295	,000
Emprego	,189	295	,000
Religião	,276	295	,000
Família e conjugalidade	,155	295	,000
Filhos	,202	295	,000
Educação	,139	295	,000
<b>QV Total</b>	<b>,062</b>	<b>295</b>	<b>,008</b>

(a) Lilliefors Significance Correction

Como concluímos que a distribuição da amostra não é normal, devido à violação do pressuposto da normalidade das variâncias, foram efectuados testes não paramétricos para a análise das variáveis em estudo (Maroco, 2007). Neste sentido, para analisarmos o índice total de percepção de qualidade de vida em função das etapas do ciclo vital da família e a influência das várias dimensões da qualidade de vida em cada etapa (objectivo principal deste estudo), foi efectuado o teste não paramétrico Kruskal-Wallis. Os respectivos resultados do teste encontram-se expostos na tabela 5.

**Tabela 5: Dimensões do QOL em função das Etapas do Ciclo Vital**

Dimensões	Etapa ciclo vital	N	Mean Rank	X <sup>2</sup>	p.
Financeiro	Casal sem filhos	46	136,68		
	Família com filhos pequenos	44	163,03		
	Família com filhos em idade escolar	46	135,49		
	Família com filhos adolescentes	34	152,75		

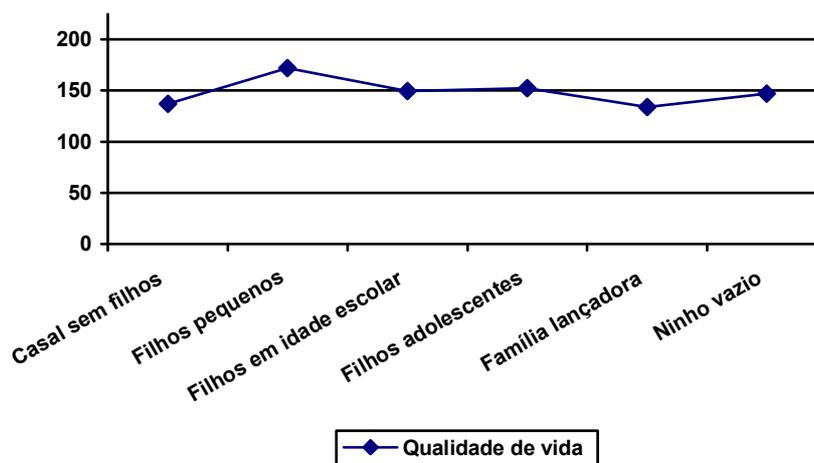
	Família lançadora	73	140,53		
	Ninho vazio	50	158,51		
	<b>Total</b>	293		4,636	0,462
<b>Tempo</b>	Casal sem filhos	46	137,18		
	Família com filhos pequenos	44	154,06		
	Família com filhos em idade escolar	46	136,54		
	Família com filhos adolescentes	34	111,74		
	Família lançadora	73	131,97		
	Ninho vazio	50	205,36		
	<b>Total</b>	293		<b>33,938</b>	<b>0,000</b>
<b>Vizinhança e Comunidade</b>	Casal sem filhos	46	141,55		
	Família com filhos pequenos	44	168,16		
	Família com filhos em idade escolar	46	142,95		
	Família com filhos adolescentes	34	137,87		
	Família lançadora	73	135,36		
	Ninho vazio	50	160,32		
	<b>Total</b>	293		6,102	0,296
<b>Casa</b>	Casal sem filhos	46	153,13		
	Família com filhos pequenos	44	141,27		
	Família com filhos em idade escolar	46	168,80		
	Família com filhos adolescentes	34	155,84		
	Família lançadora	73	131,49		
	Ninho vazio	50	142,97		
	<b>Total</b>	293		6,476	0,263
<b>Mass Media</b>	Casal sem filhos	46	174,73		
	Família com filhos pequenos	44	166,66		
	Família com filhos em idade escolar	46	150,88		
	Família com filhos adolescentes	34	144,60		
	Família lançadora	73	135,49		
	Ninho vazio	50	119,06		
	<b>Total</b>	293		<b>14,755</b>	<b>0,011</b>
<b>Relações Sociais e Saúde</b>	Casal sem filhos	46	163,22		
	Família com filhos pequenos	44	181,08		
	Família com filhos em idade escolar	46	144,23		
	Família com filhos adolescentes	34	151,88		
	Família lançadora	73	123,68		

	Ninho vazio	50	135,37		
	<b>Total</b>	293		<b>15,712</b>	<b>0,008</b>
<b>Emprego</b>	Casal sem filhos	46	140,03		
	Família com filhos pequenos	44	176,85		
	Família com filhos em idade escolar	46	157,29		
	Família com filhos adolescentes	34	173,43		
	Família lançadora	73	146,15		
	Ninho vazio	50	100,94		
	<b>Total</b>	293		<b>25,434</b>	<b>0,000</b>
<b>Religião</b>	Casal sem filhos	46	145,27		
	Família com filhos pequenos	44	153,35		
	Família com filhos em idade escolar	46	130,00		
	Família com filhos adolescentes	34	146,03		
	Família lançadora	73	144,08		
	Ninho vazio	50	163,57		
	<b>Total</b>	293		4,786	0,443
<b>Família e conjugalidade</b>	Casal sem filhos	46	152,61		
	Família com filhos pequenos	44	176,22		
	Família com filhos em idade escolar	46	151,95		
	Família com filhos adolescentes	34	155,19		
	Família lançadora	73	121,66		
	Ninho vazio	50	143,00		
	<b>Total</b>	293		<b>13,139</b>	<b>0,022</b>
<b>Filhos</b>	Casal sem filhos	46	75,89		
	Família com filhos pequenos	44	171,83		
	Família com filhos em idade escolar	46	175,71		
	Família com filhos adolescentes	34	166,66		
	Família lançadora	73	153,40		
	Ninho vazio	50	141,45		
	<b>Total</b>	293		<b>45,490</b>	<b>0,000</b>
<b>Educação</b>	Casal sem filhos	46	157,91		
	Família com filhos pequenos	44	175,28		
	Família com filhos em idade escolar	46	155,35		
	Família com filhos adolescentes	34	150,78		
	Família lançadora	73	134,16		
	Ninho vazio	50	120,57		
	<b>Total</b>	293		<b>13,112</b>	<b>0,022</b>

<b>QV Total</b>	Casal sem filhos	46	136,96		
	Família com filhos pequenos	44	171,91		
	Família com filhos em idade escolar	46	149,72		
	Família com filhos adolescentes	34	152,19		
	Família lançadora	73	134,07		
	Ninho vazio	50	147,17		
	<b>Total</b>	<b>293</b>		<b>6,328</b>	<b>0,276</b>

No que concerne à análise das dimensões da qualidade de vida em função das etapas do ciclo vital, podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas para os factores: *Tempo* ( $X^2=33,938$ ;  $p<0,001$ ), *Mass Media* ( $X^2=14,755$ ;  $p=0,011$ ), *Relações Sociais e Saúde* ( $X^2=15,712$ ;  $p=0,008$ ), *Emprego* ( $X^2=25,434$ ;  $p<0,001$ ), *Família e conjugalidade* ( $X^2=13,139$ ;  $p=0,022$ ), *Filhos* ( $X^2=45,490$ ;  $p<0,001$ ) e *Educação* ( $X^2=13,112$ ;  $p=0,022$ ).

Relativamente ao factor *Tempo*, a etapa em que os elementos se encontram mais satisfeitos com este factor é a etapa “Ninho vazio” ( $M=205,36$ ) e a etapa em que os elementos da família se encontram menos satisfeitos com este factor é a etapa *família com filhos adolescentes em casa* ( $M=111,74$ ). No que respeita ao factor *Mass Media*, a etapa na qual os elementos se encontram mais satisfeitos com este factor é a etapa *casal sem filhos* ( $M=174,73$ ) e a etapa na qual os elementos se encontram menos satisfeitos com este factor é a etapa “Ninho vazio” ( $M=119,06$ ). Em relação ao factor *Relações Sociais e Saúde*, a etapa na qual os elementos se encontram mais satisfeitos com este factor é a etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré escolar* ( $M=181,08$ ) e a etapa na qual os elementos se encontram menos satisfeitos com este factor é a etapa *família “lançadora”* ( $M=123,68$ ). No que concerne ao factor *Emprego*, a etapa na qual os elementos se encontram mais satisfeitos com este factor é a etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* ( $M=176,85$ ) e a etapa na qual os elementos se encontram menos satisfeitos com este factor é a etapa “Ninho Vazio” ( $M=100,94$ ). No que toca ao factor *Família e conjugalidade*, a etapa na qual os elementos se encontram mais satisfeitos com este factor é a etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* ( $M=176,22$ ) e a etapa na qual os elementos se encontram menos satisfeitos com este factor é a etapa *família “lançadora”* ( $M=121,66$ ). No que se refere ao factor *Filhos*, a etapa na qual os elementos se encontram mais satisfeitos com este factor é a etapa *família com filhos em idade escolar* ( $M=175,71$ ) e a etapa na qual os elementos se encontram menos satisfeitos com este factor é a etapa *casal sem filhos* ( $M=75,89$ ). No que respeita ao factor *Educação*, a etapa na qual os elementos se encontram mais satisfeitos com este factor é a etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* ( $M=175,28$ ) e a etapa na qual os elementos se encontram menos satisfeitos com este factor é a etapa “Ninho Vazio” ( $M=120,57$ ).

**Gráfico 1:** Perfil da qualidade de vida total ao longo das etapas do ciclo vital da família

Através da visualização do gráfico 1 e da análise da tabela 5, podemos verificar que a etapa do ciclo vital que apresenta uma maior qualidade de vida subjectiva é a etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* ( $M=171,91$ ), seguida pela etapa *família com filhos adolescentes em casa* ( $M=152,19$ ). As etapas que apresentam menor de qualidade de vida subjectiva são a etapa *casal sem filhos* ( $M=136,96$ ) e a etapa *família “lançadora”* ( $M=134,07$ ). No entanto, estas diferenças na percepção da qualidade de vida subjectiva ao longo das várias etapas do ciclo vital da família não são estatisticamente significativas ( $X^2=6,328$ ;  $p=0,276$ ).

Com a finalidade de averiguarmos se a variável género tem impacto na percepção da qualidade de vida subjectiva (objectivo específico deste estudo), foi realizado o teste não paramétrico U-Mann Whitney, cujos resultados se encontram expostos na tabela 6.

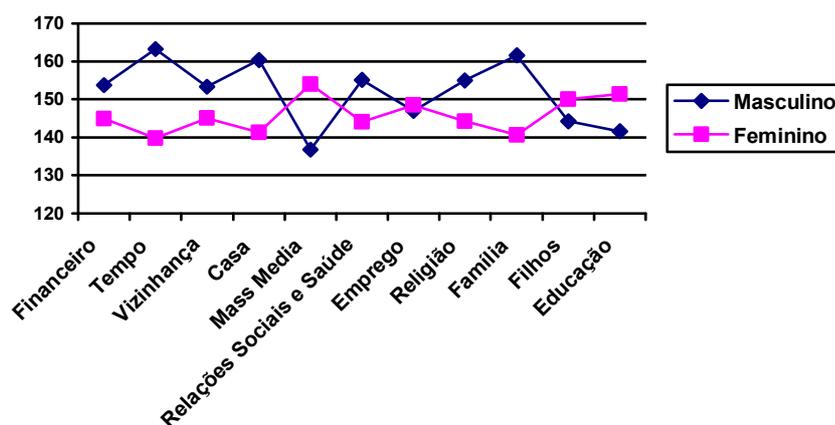
**Tabela 6:** Dimensões do QOL em função do Género

Dimensões	Género	N	Mean Rank	U	p.
Financeiro	M	103	153,76	9295	0,395
	F	192	144,91		
	<b>Total</b>	<b>295</b>			
Tempo	M	103	163,22	<b>8320,5</b>	<b>0,024</b>
	F	192	139,84		
	<b>Total</b>	<b>295</b>			
Vizinhança e Comunidade	M	103	153,34	9337,5	0,429
	F	192	145,13		
	<b>Total</b>	<b>295</b>			
Casa	M	103	160,33	8618,5	0,068
	F	192	141,39		
	<b>Total</b>	<b>295</b>			
Mass Media	M	103	136,78	8732	0,092
	F	192	154,02		
	<b>Total</b>	<b>295</b>			
Relações Sociais e Saúde	M	103	155,17		
	F	192	144,15		

	<b>Total</b>	295		9149,5	0,286
<b>Emprego</b>	M	103	146,99		
	F	192	148,54		
	<b>Total</b>	295		9784	0,880
<b>Religião</b>	M	103	155,05		
	F	192	144,22		
	<b>Total</b>	295		9162	0,263
<b>Família e conjugalidade</b>	M	103	161,57		
	F	192	140,72		
	<b>Total</b>	295		<b>8490,5</b>	<b>0,041</b>
<b>Filhos</b>	M	103	144,29		
	F	192	149,99		
	<b>Total</b>	295		9505,5	0,577
<b>Educação</b>	M	103	141,69		
	F	192	151,39		
	<b>Total</b>	295		9238	0,345
<b>QV Total</b>	M	103	156,90		
	F	192	143,22		
	<b>Total</b>	295		8971	0,189

No que se refere à análise das dimensões da qualidade de vida em função do género, podemos notar que existem diferenças estatisticamente significativas para os factores: *Tempo* ( $U=8320,5$ ;  $p=0,024$ ) e *Família e conjugalidade* ( $U=8490,5$ ;  $p=0,041$ ). No que toca ao factor *Tempo*, o género masculino ( $M=163,22$ ) encontra-se muito mais satisfeito com este factor do que o género feminino ( $M=144,91$ ). O mesmo se sucede com o factor *Família e conjugalidade*, em que o género masculino ( $M=161,57$ ) se encontra muito mais satisfeito com este factor do que o género feminino ( $M=140,72$ ).

**Gráfico 2:** Dimensões do QOL em função do Género



Da análise da tabela 6 e do gráfico 2, podemos conferir que o género masculino, em termos globais (QV total), apresenta uma percepção da qualidade de vida subjectiva mais elevada do que o género feminino, contudo, esta diferença não é estatisticamente significativa ( $U=8971$ ;  $p=0,189$ ).

No sentido de averiguarmos se o nível sócio-económico familiar tem influência sobre a percepção da qualidade de vida subjectiva (objectivo específico deste estudo), foi efectuado o teste não paramétrico Kruskal-Wallis, cujos resultados podem ser consultados na tabela 7.

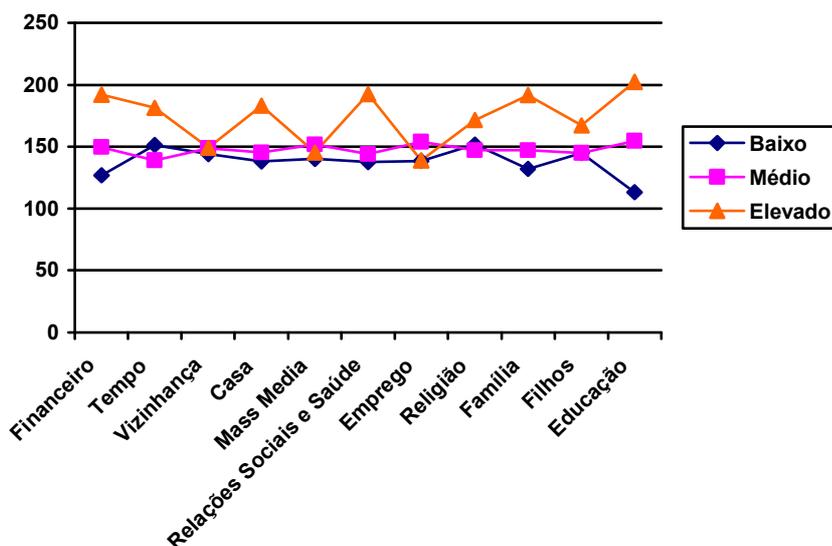
**Tabela 7: Dimensões do QOL em função do Nível sócio-económico**

Dimensões	Nível sócio-económico	N	Mean Rank	X <sup>2</sup>	p.
<b>Financeiro</b>	Baixo	90	126,77		
	Médio	171	149,82		
	Elevado	33	192,00		
	<b>Total</b>	294		<b>14,598</b>	<b>0,001</b>
<b>Tempo</b>	Baixo	90	151,26		
	Médio	171	138,96		
	Elevado	33	181,48		
	<b>Total</b>	294		<b>7,259</b>	<b>0,027</b>
<b>Vizinhança e Comunidade</b>	Baixo	90	144,20		
	Médio	171	148,88		
	Elevado	33	149,33		
	<b>Total</b>	294		0,198	0,906
<b>Casa</b>	Baixo	90	138,23		
	Médio	171	145,54		
	Elevado	33	182,92		
	<b>Total</b>	294		<b>6,945</b>	<b>0,031</b>
<b>Mass Media</b>	Baixo	90	140,28		
	Médio	171	151,70		
	Elevado	33	145,45		
	<b>Total</b>	294		1,127	0,569
<b>Relações Sociais e Saúde</b>	Baixo	90	137,62		
	Médio	171	144,01		
	Elevado	33	192,53		
	<b>Total</b>	294		<b>10,950</b>	<b>0,004</b>
<b>Emprego</b>	Baixo	90	138,37		
	Médio	171	153,98		
	Elevado	33	138,80		
	<b>Total</b>	294		2,462	0,292
<b>Religião</b>	Baixo	90	151,84		
	Médio	171	146,98		
	Elevado	33	171,38		
	<b>Total</b>	294		4,578	0,101
<b>Família e conjugalidade</b>	Baixo	90	132,26		
	Médio	171	146,98		
	Elevado	33	191,79		
	<b>Total</b>	294		<b>12,425</b>	<b>0,002</b>
<b>Filhos</b>	Baixo	90	144,89		
	Médio	171	145,07		
	Elevado	33	167,23		
	<b>Total</b>	294		2,074	0,354
<b>Educação</b>	Baixo	90	113,38		
	Médio	171	154,90		

	Elevado	33	202,20		
	<b>Total</b>	294		<b>30,353</b>	<b>0,000</b>
<b>QV Total</b>	Baixo	90	132,41		
	Médio	171	147,77		
	Elevado	33	187,26		
	<b>Total</b>	294		<b>10,060</b>	<b>0,007</b>

No que respeita à análise das dimensões da qualidade de vida em função do nível sócio-económico, podemos notar que existem diferenças estatisticamente significativas para os factores: *Financeiro* ( $X^2=14,598$ ;  $p=0,001$ ), *Tempo* ( $X^2=7,259$ ;  $p=0,027$ ), *Casa* ( $X^2=6,953$ ;  $p=0,031$ ), *Relações Sociais e Saúde* ( $X^2=10,950$ ;  $p=0,004$ ), *Família e conjugalidade* ( $X^2=12,425$ ;  $p=0,002$ ) e *Educação* ( $X^2=30,353$ ;  $p<0,001$ ).

Relativamente ao factor *Financeiro*, o nível sócio-económico que se encontra mais satisfeito com este factor é o elevado ( $M=192,00$ ) seguido pelo nível sócio-económico médio ( $M=149,82$ ) e o menos satisfeito com este factor é o nível sócio-económico baixo ( $M=126,77$ ). No que toca ao factor *Tempo*, o nível sócio-económico que se encontra mais satisfeito com este factor é o nível sócio-económico elevado ( $M=181,48$ ) seguido pelo nível sócio-económico baixo ( $M=151,26$ ) e o menos satisfeito com este factor é o nível sócio-económico médio ( $M=138,96$ ). No que se refere ao factor *Casa*, o nível sócio-económico que se encontra mais satisfeito com este factor é o nível sócio-económico elevado ( $M=182,92$ ) seguido pelo nível sócio-económico médio ( $M=145,54$ ) e o menos satisfeito com este factor é o nível sócio-económico baixo ( $M=138,23$ ). Quanto ao factor *Relações Sociais e Saúde*, o nível sócio-económico que se encontra mais satisfeito com este factor é o nível sócio-económico elevado ( $M=192,53$ ) seguido pelo nível sócio-económico médio ( $M=144,01$ ) e o menos satisfeito com este factor é o nível sócio-económico baixo ( $M=137,62$ ). No que respeita ao factor *Família e conjugalidade*, o nível sócio-económico que se encontra mais satisfeito com este factor é o nível sócio-económico elevado ( $M=191,79$ ) seguido pelo nível sócio-económico médio ( $M=146,98$ ) e o menos satisfeito com este factor é o nível sócio-económico baixo ( $M=132,26$ ). No que concerne ao factor *Educação*, o nível sócio-económico que se encontra mais satisfeito com este factor é o nível sócio-económico elevado ( $M=202,20$ ) seguido pelo nível sócio-económico médio ( $M=154,90$ ) e o menos satisfeito com este factor é o nível sócio-económico baixo ( $M=113,38$ ).

**Gráfico 3:** Factores do QOL em função do Nível sócio-económico

Ao estudarmos a tabela 7 e o gráfico 3, apercebemo-nos que os elementos com um nível sócio-económico familiar elevado apresentam uma percepção da qualidade de vida subjectiva mais elevada ( $M=187,26$ ) relativamente aos elementos com nível sócio-económico familiar médio ( $M=147,77$ ) ou baixo ( $M=132,41$ ). Estas diferenças na percepção da qualidade de vida subjectiva são estatisticamente significativas ( $X^2=10,060$ ;  $p=0,007$ ).

Por fim, com o objectivo de analisarmos se as formas de família têm impacto sobre a percepção da qualidade de vida subjectiva dos seus elementos (objectivo específico deste estudo), foi realizado o teste não paramétrico Kruskal-Wallis, cujos resultados podem ser observados na tabela 8.

**Tabela 8:** Dimensões do QOL em função das Formas de Família

Dimensões	Formas de Família	N	Mean Rank	$X^2$	$p$ .
Financeiro	Nuclear intacta	226	145,63	4,129	0,248
	Pós-divórcio	20	126,98		
	Monoparental	10	158,25		
	Reconstituída	39	169,91		
	<b>Total</b>	295			
Tempo	Nuclear intacta	226	145,62	8,934	0,030
	Pós-divórcio	20	110,13		
	Monoparental	10	172,45		
	Reconstituída	39	174,94		
	<b>Total</b>	295			
Vizinhança e Comunidade	Nuclear intacta	226	150,28	12,861	0,005
	Pós-divórcio	20	85,10		
	Monoparental	10	153,55		
	Reconstituída	39	165,64		
	<b>Total</b>	295			
Casa	Nuclear intacta	226	143,24		
	Pós-divórcio	20	127,03		

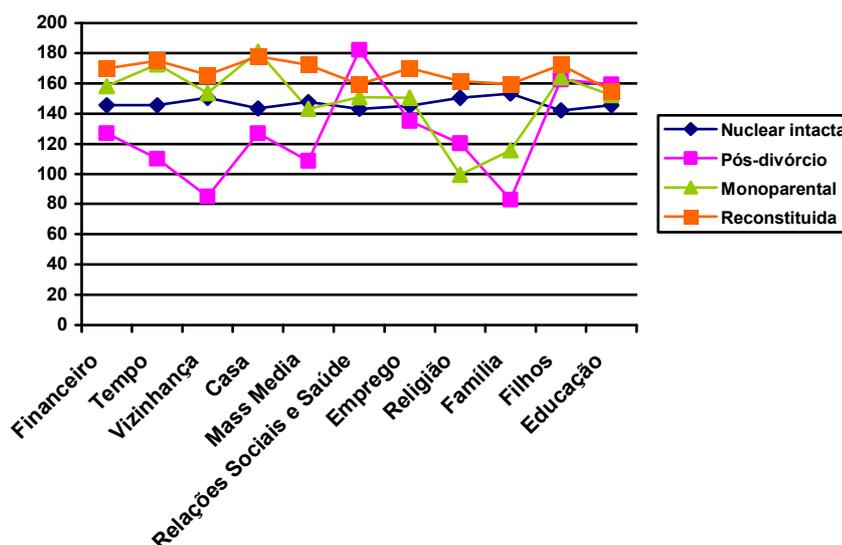
	Monoparental	10	180,90		
	Reconstituída	39	177,99		
	<b>Total</b>	295		<b>8,270</b>	<b>0,041</b>
<b>Mass Média</b>	Nuclear intacta	226	147,56		
	Pós-divórcio	20	108,53		
	Monoparental	10	143,00		
	Reconstituída	39	172,10		
	<b>Total</b>	295		<b>7,723</b>	<b>0,052</b>
<b>Relações Sociais e Saúde</b>	Nuclear intacta	226	142,94		
	Pós-divórcio	20	182,05		
	Monoparental	10	150,90		
	Reconstituída	39	159,14		
	<b>Total</b>	295		4,742	0,192
<b>Emprego</b>	Nuclear intacta	226	145,20		
	Pós-divórcio	20	134,95		
	Monoparental	10	150,50		
	Reconstituída	39	170,29		
	<b>Total</b>	295		3,507	0,320
<b>Religião</b>	Nuclear intacta	226	150,28		
	Pós-divórcio	20	120,15		
	Monoparental	10	99,55		
	Reconstituída	39	161,51		
	<b>Total</b>	295		7,520	0,057
<b>Família e conjugalidade</b>	Nuclear intacta	226	153,17		
	Pós-divórcio	20	82,93		
	Monoparental	10	115,60		
	Reconstituída	39	159,72		
	<b>Total</b>	295		<b>15,346</b>	<b>0,002</b>
<b>Filhos</b>	Nuclear intacta	226	141,85		
	Pós-divórcio	20	162,32		
	Monoparental	10	164,00		
	Reconstituída	39	172,17		
	<b>Total</b>	295		5,406	0,144
<b>Educação</b>	Nuclear intacta	226	145,63		
	Pós-divórcio	20	159,25		
	Monoparental	10	152,20		
	Reconstituída	39	154,90		
	<b>Total</b>	295		0,826	0,843
<b>QV Total</b>	Nuclear intacta	226	146,11		
	Pós-divórcio	20	102,88		
	Monoparental	10	166,35		
	Reconstituída	39	177,40		
	<b>Total</b>	295		<b>10,807</b>	<b>0,013</b>

Ao analisarmos a tabela 8, não só podemos verificar que as formas de família têm impacto sobre a percepção global da qualidade de vida subjectiva dos seus elementos, como esse impacto é estatisticamente significativo ( $X^2=10,807$ ;  $p=0,013$ ). A forma de família na qual há uma maior percepção de qualidade de vida pelos seus elementos é a Reconstituída ( $M=177,40$ ), seguida pela Monoparental ( $M=166,35$ ) e pela

Nuclear intacta ( $M=146,11$ ) e, a forma de família na qual há uma menor percepção de qualidade de vida por parte dos seus elementos é a Pós-divórcio ( $M=102,88$ ).

Ao realizarmos uma análise quanto ao nível de satisfação de cada forma de família em relação aos vários factores da qualidade de vida, apercebemo-nos de que existem diferenças estatisticamente significativas para os factores: *Tempo* ( $X^2=8,934$ ;  $p=0,030$ ), *Vizinhança e Comunidade* ( $X^2=12,861$ ;  $p=0,005$ ), *Casa* ( $X^2=8,270$ ;  $p=0,041$ ), *Mass media* ( $X^2=7,723$ ;  $p=0,052$ ) e *Família e conjugalidade* ( $X^2=15,346$ ;  $p=0,002$ ).

**Gráfico 4: Factores do QOL em função das Formas de Família**



Como podemos observar no gráfico 4, a forma de família que se encontra mais satisfeita com o factor *Tempo* é a Reconstituída ( $M=174,94$ ), seguida pela forma de família Monoparental ( $M=172,45$ ) e pela Nuclear intacta ( $M=145,62$ ); e, a forma de família que se encontra menos satisfeita com este factor é a Pós-divórcio ( $M=110,13$ ). No que respeita ao factor *Vizinhança e Comunidade*, a forma de família que se encontra mais satisfeita com este factor é a Reconstituída ( $M=165,64$ ), seguida pela Monoparental ( $M=153,55$ ) e pela Nuclear intacta ( $M=150,28$ ) e, a forma de família que se encontra menos satisfeita com este factor é a Pós-divórcio ( $M=85,10$ ). Quanto ao factor *Casa*, a forma de família que se encontra mais satisfeita com este factor é a Monoparental ( $M=180,90$ ), seguida pela Reconstituída ( $M=177,91$ ), e pela Nuclear intacta ( $M=143,24$ ) e, a forma de família que se encontra menos satisfeita com este factor é a Pós-divórcio ( $M=127,03$ ). No que toca ao factor *Mass media*, a forma de família que se encontra mais satisfeita com este factor é a Reconstituída ( $M=172,10$ ), seguida pela Nuclear intacta ( $M=147,56$ ) e pela Monoparental ( $M=143,00$ ) e, a forma de família que se encontra menos satisfeita com este factor é a Pós-divórcio ( $M=108,53$ ). No que concerne ao factor *Família e conjugalidade*, a forma de família que se encontra mais satisfeita com este factor é a Reconstituída ( $M=159,72$ ), seguida pela Nuclear intacta ( $M=153,17$ ) e pela Monoparental ( $M=115,60$ ) e, a forma de família que se encontra menos satisfeita com este factor é a Pós-divórcio ( $M=82,93$ ).

## V – Discussão

Em primeiro lugar, é pertinente realçar que os resultados obtidos neste estudo foram parcialmente de encontro aos resultados alcançados em estudos prévios. Relativamente à percepção da qualidade de vida subjectiva, os valores encontrados revelam que a percepção de qualidade de vida subjectiva atinge o seu auge na etapa *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* e o seu ponto mais baixo na etapa *famílias “lançadoras”*. De acordo com o estudo de Olson e colaboradores (1983), a percepção de qualidade de vida subjectiva inicia-se relativamente baixa, quando comparada com a satisfação conjugal e marital, mas aumenta gradualmente ao longo das etapas do ciclo vital da família e atinge o seu ponto mais elevado nas duas últimas etapas (*ninho vazio* e *famílias na reforma*).

Os resultados deste estudo não nos fornecem nenhum dado relativo à percepção de qualidade de vida subjectiva na etapa do ciclo vital *família na reforma*, devido à não existência de sujeitos na amostra que se enquadrem nessa etapa. Todavia, os dados alcançados revelam que a percepção de qualidade de vida subjectiva na etapa *casal sem filhos* é relativamente baixa quando comparada com a percepção de qualidade de vida subjectiva nas outras etapas, tal como refere Olson e colaboradores (1983). Porém, em vez de aumentar gradualmente, verificamos que a percepção de qualidade de vida aumenta muito na etapa *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar*, depois decresce um pouco na etapa *família com filhos em idade escolar*, voltando a aumentar ligeiramente na etapa *família com filhos adolescentes em casa*, depois atinge o valor mais baixo na etapa *família “lançadora”* e volta a elevar-se consideravelmente na etapa *ninho vazio*. Contudo, apesar de existir um acréscimo na percepção da qualidade de vida subjectiva na etapa *ninho vazio* em relação à etapa anterior (*famílias “lançadoras”*), a qualidade de vida percebida é inferior à obtida nas etapas *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar*, *família com filhos em idade escolar* e *família com filhos adolescentes em casa*, resultados estes que não corroboram os obtidos por Olson e seus colaboradores (1983).

Uma possível explicação para que a etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* tenha surgido como a etapa em que há maior percepção de qualidade de vida subjectiva, poderá ser o facto da maior parte das gravidezes serem hoje em dia planeadas antecipadamente e muito desejadas, daí haver um grande investimento na parentalidade e uma grande satisfação associada. A este respeito, Relvas (2004) revela que «o nascimento do primeiro filho é rodeado de expectativas (...). Ele é imaginado como o reforço da ligação de casal, como elemento de estabilização de relações, tanto da nova família como desta com as famílias de origem. Ele é desejado como o ser que traz consigo a felicidade que faltava. (...) Uma definição normativa e tradicional de parentalidade apresenta-a como um tempo de alegria e satisfação e como uma função afectiva e socialmente “compensadora”, isto é, como “enriquecimento” individual e familiar, imprescindível para a realização total e completa do ser humano» (p.79).

Apesar de existir uma redução na natalidade, os filhos são, actualmente, na sua grande maioria desejados e alvo de grande investimento parental. Tendo em conta a realidade portuguesa, apercebemo-nos de que

grande parte dos casais primeiro procuram estabilidade a nível profissional e financeiro para então decidirem assumir a paternidade. Neste âmbito, Relvas (2004) afirma que «a maior parte dos estudos aponta para um espaçamento de mais ou menos dois anos entre o casamento e o aparecimento de uma criança. Factores como a religião, as condições económicas e profissionais da família, o estatuto e a classe social da futura mãe interferem, com relevância no *timing* desse nascimento» (p.78).

Por outro lado, uma possível explicação para uma menor percepção de qualidade de vida na etapa *família “lançadora”* poderá ser atribuída a uma maior dificuldade sentida pelas famílias em lidar com as crises normativas que esta etapa comporta. A este respeito Alarcão (2002) refere que: «a saída dos filhos de casa está hoje adiada: a pretexto do prolongamento dos estudos, das dificuldades de emprego e/ou outras questões habitacionais, dos problemas económicos, da necessidade de uma maior maturidade para o casamento e para a parentalidade, os filhos vão prolongando a sua estadia na casa dos pais, por vezes com algumas experiências de afastamento impostas por novos estudos, por experiências laborais provisórias ou por mudanças de local de emprego. Durante este período pais e filhos têm algumas novas questões para gerir. Permanecendo em casa dos pais, os filhos têm que cumprir algumas regras que os pais têm que continuar a impor (...). No entanto, dado o seu estatuto de adulto nem os pais se sentem bem em impor essas regras nem os filhos a aceitá-las. (...) Partilhando a casa com os pais num período em que já ganham, coloca-se, aos filhos e aos pais, a questão de definir qual o contributo monetário de uns e de outros. Esta é, sem dúvida, uma questão delicada para a maioria das pessoas. Quando os filhos ainda estão materialmente dependentes dos pais o incómodo é geralmente dos primeiros, que se sentem limitados na gestão financeira de um capital que não é seu assim como no exercício de um poder aquisitivo que ainda não têm mas que sentem que deviam ter. Finalmente, uma outra área nem sempre pacífica é a da partilha dos tempos livres e da possibilidade de levar para casa (dos pais) os amigos, ou colegas ou a(o) namorada(o) que a ela teriam livre acesso se a casa fosse do próprio» (p.189).

No que concerne à análise das dimensões da qualidade de vida em função das etapas do ciclo vital, foram encontradas diferenças significativas para os factores *Tempo, Mass media, Relações Sociais e Saúde, Emprego, Família e conjugalidade, Filhos e Educação*. A qualidade de vida relativa ao factor *Tempo*, é significativamente superior na etapa *ninho vazio*, comparativamente à percepção de qualidade de vida subjectiva na etapa *família com filhos adolescentes*, algo que era esperável. De facto, as famílias que se encontram na etapa *ninho vazio* dispõem de mais tempo livre para o lazer, para o investimento na conjugalidade e para poderem explorar novas opções familiares e sociais (Greeff, 2000; Olson *et al.*, 1983; Carter & McGoldrick, 2001). Por sua vez, as *famílias com adolescentes em casa* ainda estão muito centradas na prestação de cuidados e assistência aos filhos, com o acréscimo da função de suporte à geração mais velha (Carter & McGoldrick, 2001), daí terem ao seu dispor uma quantidade de tempo bem mais limitada.

A percepção de qualidade de vida subjectiva relativa ao factor *Mass media* é significativamente superior na etapa *casal sem filhos*

comparativamente à etapa *ninho vazio*, algo que pode ficar a dever-se ao facto de, na etapa *casal sem filhos*, como os elementos do casal vivem muito centrados um no outro, têm maior disponibilidade para poderem ter acesso a *mass media* de qualidade que vá de encontro aos seus interesses. Alarcão (2002) atesta que «a formação do sub-sistema conjugal supõe um movimento centrípeto, de fecho relativamente a outros sistemas envolventes, tais como a família de origem e a família extensa, os amigos, os colegas de trabalho e de lazer, o próprio trabalho. Com efeito a sociedade dá um tempo de moratória para a edificação do novo sistema» (p.122). Contudo, os *mass media*, entre outros factores, influenciam a construção do modelo de relacionamento entre o par conjugal e, actualmente, divulgam uma relação romântica e equitativa a vários níveis, com a qual os elementos do casal parecem estar muito satisfeitos.

Tal como afirma Relvas (2004), «Nesta modelação entra ainda em linha de conta o factor pressão social, com tudo o que a televisão, o cinema e os media em geral, os políticos, entre outros agentes culturais, apresentam como característico desse modelo e do papel do homem e da mulher na sociedade, bem como da evolução dos respectivos estatutos» (p.45). Enquanto que, na etapa *ninho vazio*, apesar dos pais já não terem de se ocupar dos filhos porque estes já saíram de casa, podem ter de apoiar os próprios pais devido ao processo de envelhecimento dos mesmos. «O casal (...) na meia-idade, vê os filhos partir e [muitas vezes] os pais a chegar» (Alarcão, 2002, p.188). Relativamente a este aspecto, Relvas (2004) declara que «Numa família em que os filhos “saem de casa” para construírem as suas próprias vidas, mais ou menos simultaneamente “entram em casa” os avós que, nesse momento, lidam com aspectos relativos ao seu envelhecimento e necessitam de alguma protecção por parte dos próprios filhos. Sensivelmente ao mesmo tempo, os pais tentam “restaurar” a sua relação de casal e, quantas vezes mesmo, as suas vidas profissionais» (p.190). Pois, muitos elementos pertencentes à etapa *ninho vazio* ainda trabalham, logo terão menos oportunidade para aceder aos *mass media*. «A aproximação da reforma, mesmo quando ainda faltam alguns anos para a sua efectivação, constitui um outro elemento de ponderação na reorganização espacio-temporal do novo-velho casal» (Alarcão, 2002, p.192).

Os elementos que se encontram nesta fase podem também ter interesses ainda muito particulares que não são correspondidos pelos *mass media*, enquanto que depois, pelo tempo de que dispõem, já estarão menos exigentes quanto à oferta, ou ainda, podem não se encontrarem satisfeitos com a divulgação feita pelos *mass media* no que toca à relação conjugal, pois podem sentir uma grande discrepância entre o tipo de relacionamento que têm e o que é divulgado, algo que lhes pode trazer alguma insatisfação. «A idade e a qualidade do casamento, bem como a satisfação proporcionada pelo amor actual e pelas perspectivas de futuro, constituem o outro lado deste tripé reorganizativo. O casamento chegou, ou está a aproximar-se, das bodas de prata. São vinte e cinco anos de um ciclo de vida conjugal, pontuado, ele próprio, por diferentes etapas e crises. (...) A paixão do namoro e dos primeiros tempos de casamento deu lugar a um amor mais calmo mas, também, mais maduro, feito de respeito mútuo, de negociação, de necessidade e satisfação recíprocas, de metacomunicação.

*Ou, então, deu lugar à habituação, à inércia ou à simples necessidade de manutenção» (Alarcão, 2002, p.192-194).*

No que toca à qualidade de vida relativa ao factor *Relações Sociais e Saúde*, esta é significativamente superior na etapa *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar*, enquanto que a etapa *família “lançadora”* apresenta a menor satisfação com este factor. Apesar de se tratar de duas fases marcadas por movimentos centrífugos em que há uma grande abertura ao exterior e na qual as famílias tentam dar o suporte e a assistência necessária aos filhos, de facto, as *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* assumem um papel social mais activo do que as *famílias “lançadoras”*, estão mais abertas e, ao que parece, mais satisfeitas com o estabelecimento de relações sociais (principalmente com outras famílias que se encontrem na mesma etapa).

Relvas (2004) refere que *«a família com filhos pequenos está, em todos os sentidos, em “expansão”, desde o número de elementos, passando pelo alargamento da sua própria estrutura, até às relações que estabelece com o meio envolvente (familiar e comunitário)» (p.77)*. A autora acrescenta, ainda, que *«a família com filhos pequenos sente rapidamente a necessidade de incluir na esfera das suas interações vizinhos e amigos que possam, de algum modo, cooperar com ela, apoiando o desempenho das novas funções parentais. Por outro lado, vai necessariamente entrar em relação com outras famílias em fase de desenvolvimento semelhante à sua, umas vezes por meio dos contactos entre os filhos e outras crianças, outras por meio das instituições com as quais, a partir de agora, vai também interagir» (idem, p.107)*.

Relativamente à saúde, a *família “lançadora”* poderá encontrar-se menos satisfeita com este factor não devido a problemas de saúde dos filhos ou do casal mas dos pais dos cônjuges, que já se devem encontrar na última fase do ciclo vital e, devido ao processo de envelhecimento, se encontram mais susceptíveis à doença. *«Geração adulta entre gerações adultas, esta diade tem, então, três tarefas fundamentais: a) facilitar a saída dos filhos de casa, permitindo-lhes uma construção autónoma das suas próprias vidas; b) renegociar a relação de casal num contexto de reavaliação do casamento, de balanço profissional e individual; c) aprender a lidar com o envelhecimento, numa articulação permanente entre independência e dependência, primeiro com as gerações mais idosas e, depois, consigo própria» (Alarcão, 2002, p.189)*.

A qualidade de vida em relação ao factor *Emprego* é significativamente superior na etapa *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar*, enquanto que a etapas *ninho vazio* apresenta os valores mais baixos de satisfação com este factor. Ora, estes resultados eram de certa forma esperados. As *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* muito provavelmente se encontram numa fase de estabilidade nas suas carreiras profissionais. Isto porque, actualmente, o casal tende a adiar a parentalidade até que se obtenham as condições que consideram como necessárias para a compatibilização entre as exigências das suas carreiras profissionais e a disponibilidade para assumir papéis parentais. A estes respeito, Relvas (2004) clarifica que as razões que contribuem para o adiamento da parentalidade prendem-se com *«as condições económicas, o estatuto da mulher como trabalhadora, as condições globais de habitação*

*das populações e, ainda, as exigências de sucesso colocadas aos indivíduos pela actual sociedade competitiva e economicista»* (p.111).

Na etapa *ninho vazio* ocorre a preparação e o fim propriamente dito da carreira, algo que poderá envolver algum desânimo e, daí, uma certa insatisfação. Tal como já foi anteriormente referido «*A aproximação da reforma, mesmo quando ainda faltam alguns anos para a sua efectivação, constitui um outro elemento de ponderação na reorganização espaciotemporal do novo-velho casal»* (Alarcão, 2002, p.192).

A qualidade de vida relativa ao factor *Família e conjugalidade* é significativamente superior na etapa *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* comparativamente à etapa *família “lançadora”* que apresenta o valor mais baixo de satisfação com este factor. Os resultados obtidos corroboram parcialmente os de Olson e colaboradores (1983) que afirmam que a satisfação conjugal é muito elevada na etapa *casais sem filhos* (mais elevada para as mulheres do que para os homens), continua bastante elevada na etapa *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* (contudo, 21% dos casais referiram já ter pensado em divórcio ao longo do casamento); na etapa *família com filhos em idade escolar* os valores da satisfação conjugal baixam mas continuam relativamente altos (no entanto, cerca de 19% dos casais indicaram que haviam considerado o divórcio durante a sua relação); na etapa *família com adolescentes em casa* a satisfação conjugal é mais baixa do que para os casais nas etapas anteriores do ciclo vital (o divórcio ou separação foi já considerado em algum momento do casamento por 17% das mulheres e 15% dos homens); na etapa *famílias “lançadoras”* a satisfação conjugal atinge o seu ponto mais baixo e os maridos tendem a referir maior satisfação conjugal do que as esposas (nesta etapa as mulheres referiram considerar mais vezes a separação ou divórcio, tal como em todas as outras com a excepção da etapa *casal sem filhos*); na etapa *ninho vazio* a satisfação conjugal volta a crescer (apenas 9% das mulheres e 4% dos maridos referem terem considerado o casamento ou o divórcio); na etapa *famílias na reforma* a satisfação conjugal é elevada para ambos os cônjuges (poucos casais nesta etapa referiram ter alguma vez considerado a separação ou o divórcio: 3% das mulheres e nenhum dos homens). Ainda segundo os mesmos autores, a satisfação familiar e conjugal aumenta significativamente tanto para os maridos como para as esposas durante as etapas *ninho vazio* e *família na reforma* (Olson *et al.*, 1983).

Lee (1988) realizou um estudo acerca da satisfação conjugal nas últimas etapas do ciclo vital familiar e concluiu que o adiamento do lançamento dos filhos afecta negativamente a satisfação conjugal do casal, dados estes que vão de encontro aos obtidos por Olson e colaboradores (1983).

Os resultados obtidos neste estudo para o factor *Família e conjugalidade* em função das etapas do ciclo vital indicam que a satisfação com este factor é elevada na etapa *casais sem filhos*, aumenta ainda mais na etapa *famílias com filhos pequenos ou em idade pré-escolar*, depois decresce um pouco na etapa *família com filhos em idade escolar*. Na etapa *família com filhos adolescentes em casa* a satisfação com este factor volta a subir mas muito ligeiramente, depois volta a descer na etapa *famílias “lançadoras”* e a satisfação com este factor volta a subir na etapa *ninho vazio*.

A qualidade de vida percebida no que concerne ao factor *Filhos* é significativamente superior na etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar*, enquanto que a etapa *casais sem filhos* apresenta a menor satisfação com este factor. Estes valores eram de certa forma esperados se tivermos em conta o que Relvas nos diz relativamente à parentalidade. Pois, tal como já foi anteriormente referido, «*Uma definição normativa e tradicional de parentalidade apresenta-a como um tempo de alegria e satisfação e como uma função afectiva e socialmente “compensadora”, isto é, como “enriquecimento” individual e familiar, imprescindível para a realização total e completa do ser humano*» (Relvas, 2004, p.79). A autora acrescenta, ainda, que «*a presença (ou ausência) dos filhos implica todo um conjunto de reajustes no quotidiano e na estrutura familiares que vai muito para além da sua aceitação e enquadramento inicial no sistema. As potencialidades relacionais complexificam-se, não só em função do seu aparecimento, como também do seu número, espaçamento dos nascimentos e expectativas familiares e sociais que os rodeiam*» (p.77).

Na etapa *casal sem filhos* não existem filhos, portanto, não poderiam estar satisfeitos com este factor ou até podiam caso a paternidade fosse um objectivo do casal, contudo, poderiam se encontrar insatisfeitos em casos de infertilidade.

Quanto ao factor *Educação*, a qualidade de vida subjectiva percebida é significativamente superior na etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* comparativamente à etapa *ninho vazio*, etapa na qual este factor atinge o valor mais baixo de satisfação. De facto, as famílias que se encontram na etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* parecem encontrar-se muito satisfeitas com o nível de estudos que têm, facto que pode-se ficar a dever às suas carreiras profissionais se encontrarem em ascensão ou estabilizadas e parecem ter expectativas elevadas em relação a programas educativos para melhorar o seu casamento e a sua vida familiar, algo que pode estar relacionado com a entrada dos filhos para a escola e com as expectativas dos pais em relação ao percurso académico dos filhos. Neste sentido, Relvas (2004) refere que «*há que “racionalizar” o planeamento do número de filhos para que os pais possam prosseguir e desenvolver as suas carreiras profissionais, mas também de modo a poder proporcionar aos filhos condições para caminhar no sentido de um futuro de sucesso no seio de toda esta competitividade*» (p.111). A baixa satisfação com este factor na etapa *ninho vazio*, pode dever-se ao facto dos pais já não ocuparem o papel de “educadores” em relação aos filhos, dado que estes já saíram de casa, o que lhes pode trazer alguma insatisfação; e, também, por se encontrarem relativamente perto da idade de reforma e percepcionarem que, se tivessem um nível educacional mais elevado, a reforma seria concomitantemente mais elevada.

Relativamente à percepção de qualidade de vida subjectiva em função do género, os resultados obtidos neste estudo revelam que não existem diferenças significativas entre os dois géneros, algo que vem corroborar os estudos que defendem que o género assume pouca influência na percepção subjectiva da qualidade de vida (Greeff, 2000; Olson *et al.*, 1983; Andrews & Withey, 1976; Campbell, Converse & Rogers, 1996; Diener, 1984, *cit in* Mercier, Péladeu & Tempier, 1998). Tal como verificaram Olson e colaboradores (1983), também no nosso estudo se observou que, em termos

globais, o género masculino se encontra muito mais satisfeito com a sua qualidade de vida do que o género feminino. A este respeito, Relvas (2007) refere alguns aspectos que podem ajudar a clarificar algumas razões que podem estar na origem de uma menor percepção de qualidade de vida subjectiva por parte do género feminino. «*Desde logo, é de salientar os sentimentos de ambivalência e culpabilidade emergentes de conflitos de lealdade (estabelecidos, por exemplo, entre o dever perante a família e a profissão), por seu lado associados, em grande medida, à indefinição de áreas de poder, explícita ou implicitamente presente quer na família quer no seu exterior. Não é de estranhar, então, que as mulheres se possam sentir particularmente responsáveis pelas dificuldades que este movimento evolutivo coloca às suas famílias. Este aspecto é claramente reforçado por um conjunto de mensagens, muitas vezes de carácter paradoxal, que lhes são endereçadas quer pela família quer pela sociedade como globalidade, ou mesmo pelas redes não familiares mais próximas como os amigos ou colegas de profissão. Exemplos dessas mensagens provenientes da família é a solicitação imperiosa de prestação de cuidados, por parte de elementos da mesma geração ou das mais jovens, ou a não compreensão do diferente papel da mulher por parte dos mais idosos, associada à exigência da sua formação académica e profissional. Já em relação às mensagens enviadas pelo exterior, pode pensar-se em alguns discursos políticos e na pressão dos “media” em ambos os sentidos. Em síntese, o conflito “objectivos individuais” vs. “objectivos familiares” comporta um inevitável pragmatismo que coloca a mulher, e mesmo a família no seu todo, num situação de claro “double-bind”. (...) Tudo isto concorre para que, para além do esforço e sobrecarga inerente à dupla carreira, as mulheres se encontrem sujeitas a níveis muito elevados de mudança e instabilidade no seu quotidiano, apresentando um conjunto de manifestações psicopatológicas diversas, de que se destacam os quadros depressivos» (p.332-333).*

No que se refere à análise dos factores da qualidade de vida em função do género, foram encontradas diferenças significativas para os factores *Tempo e Família e conjugalidade*. Estes resultados eram, de facto, esperados. Apesar da divisão de tarefas domésticas e da prestação de cuidados e assistência aos filhos, continua a ser a mulher quem assume um papel principal na execução destas tarefas, fazendo com que esta desfrute de menos tempo livre do que o marido. Estes resultados corroboram os encontrados por Greeff (2000). O autor, de acordo com a classificação do ciclo vital que adoptou, revelou que as mulheres no estágio *casais sem filhos* se encontravam muito mais satisfeitas com o papel que assumiam na família do que as mulheres nos estádios *famílias cujo filho mais velho ainda não entrou para a escola primária* e *famílias cujo filho mais velho já saiu de casa*. Segundo o mesmo autor, as mulheres no estágio *casais sem filhos* encontravam-se mais satisfeitas com a divisão das tarefas domésticas e de responsabilidades entre os dois cônjuges e se empenhavam em manter as coisas desta forma, enquanto que as mulheres nos estádios *famílias cujo filho mais velho ainda não entrou para a escola primária* e *famílias cujo filho mais velho já saiu de casa* pareciam assumir um papel mais tradicional no que toca à divisão das tarefas, ou seja, as mulheres assumiam a totalidade das tarefas domésticas e o papel principal na prestação de cuidados e

assistência aos filhos.

Suitor (1991) no estudo que realizou, acerca da qualidade conjugal e satisfação com a divisão das tarefas domésticas através do ciclo de vida familiar, concluiu que a satisfação dos cônjuges relativamente à divisão das tarefas domésticas contribui para uma maior percepção de qualidade conjugal. Suitor verificou, ainda, que a satisfação dos cônjuges com aquele aspecto da vida familiar contribuía para a ocorrência de menos conflitos e agressões verbais entre os cônjuges ao longo do ciclo vital. Estes dados vêm clarificar e completar os obtidos no presente estudo.

Uma outra possível explicação para uma menor satisfação por parte do género feminino no que toca ao factor *Tempo* é-nos dada por Relvas (2007). «*As mulheres têm ainda, no fim da vida, um problema acrescido de solidão: com efeito, enviúvam mais que os homens, casam menos do que eles depois da viuvez, reduzindo a sua vida social nomeadamente no exterior da família...Para além disso, têm muitas vezes pouco suporte funcional e mesmo afectivo, quer por parte de outros elementos da família quer institucional, atendendo à persistência da sua imagem de auto-suficiência no que respeita a competências afectivas, relacionais e domésticas*» (p.328).

No que respeita ao factor *Família e conjugalidade*, os homens continuam a ser os que se encontram mais satisfeitos. Estes resultados corroboram os encontrados por Olson e colaboradores (1983) que referem que, à excepção da etapa *casais sem filhos*, as mulheres tendem a perceber menos qualidade de vida familiar e conjugal do que os homens, e são as mulheres quem pondera mais frequentemente a possibilidade de divórcio, tal como já foi anteriormente referido. A este respeito, Gameiro (2007) refere que «*as diferenças entre géneros podem contribuir para os problemas do casal, mas não são a sua causa. O importante é perceber que existem muitos mitos e preconceitos acerca do casamento e estes podem fazer com que casais, que tentam fazer desesperadamente o seu casamento funcionar, desistam*» (p.45). Prata (2008) acrescenta que «*é importante dar-mos conta de que a nossa concepção mais generalizada do que é ser casal e ser feliz no casal é uma “ideal-ogia” ética que seguramente valoriza comportamentos e atitudes cujas exigências tendem a orientar-nos para “um grande sonho de amor fecundo”*» (p.81).

Ainda em relação à insatisfação das mulheres relativamente ao factor *Família e conjugalidade*, Relvas (2007) sugere uma possível explicação para este efeito. «*A geração intermédia, e particularmente as mulheres, vêem reforçado o seu papel de suporte e de cuidadoras com idosos a cargo, por vezes doentes e/ou com importantes incapacidades. O seu papel de trabalhadoras activas colide, de novo, com esta exigência familiar, forçando-as a uma “sobrecarga” física e psíquica em diferentes áreas da sua vida. Tal sobrecarga pode, eventualmente, traduzir-se em elevados níveis de “stress”, com as implicações daí decorrentes em termos pessoais (...) e familiares*» (p.328).

Neste estudo, verificámos ainda que as diferenças entre os dois géneros tendem a atenuar-se nos factores *Financeiro*, *Vizinhança e Comunidade* e *Filhos*, chegando quase a coincidir no factor *Emprego*. Uma possível explicação para este efeito é o facto da mulher assumir cada vez mais um papel autónomo e activo fora do contexto familiar, o que faz com

se aproxime do homem nos factores *Emprego* e *Financeiro*, e, conseqüentemente, na prestação de cuidados e assistência aos *Filhos*, dado que já não tem tanto tempo disponível para assumir todas as responsabilidades como no passado, em que a mulher era totalmente dependente do marido em termos financeiros e o seu papel familiar consistia no cuidar dos filhos e realizar a totalidade das tarefas domésticas.

Neste sentido, Relvas (2007) afirma que «*o estabelecimento de uma identidade no mundo laboral, é também, agora, vivida em pleno pelas mulheres, facto que não acontecia até há poucas décadas atrás. Associada, como é evidente, tanto ao aumento das suas qualificações académicas como à abertura que lhes é proporcionada no sentido de uma participação efectiva no mundo do trabalho. (...) No que se reporta aos aspectos relacionados com a igualdade de papéis no casamento (...) as mulheres se diferenciam significativamente dos homens nesta questão, defendendo valores mais igualitários e uma maior partilha de papéis na relação. (...) [Porém,] a mãe continua a ser a “cuidadora” e, em última análise, a primeira responsável pelo desenvolvimento dos filhos. Mesmo quando há partilha de tarefas com o pai, com frequência o seu significado é redutoramente comportamental ou encarado como uma “ajuda”*» (323-326). No que se refere ao factor *Vizinhança e Comunidade*, a insatisfação das mulheres pode dever-se à grande solicitação exterior. «*A manutenção de importantes componentes do tradicional papel da mulher na sociedade em mudança concorre para a sua solicitação como fonte de apoio emocional por parte de redes, também elas, cada vez mais alargadas: por um lado, correspondendo à sua imagem, as mulheres têm mais tendência do que os homens para se sentirem responsáveis pelo bem-estar e equilíbrio afectivo da maior parte das pessoas que integram as suas redes; reciprocamente, por outro lado e independentemente do sexo, as pessoas, quando necessitadas desse tipo de apoio, solicitam, fundamentalmente, o suporte de mulheres. Sabe-se, ainda, que as mulheres, para além de serem mais responsivas aos apelos de apoio, são também mais afectadas do que os homens pelos acontecimentos emocionais “stressantes” por que passam elas próprias e os componentes das suas redes*» (Relvas, 2007, p.333).

No que concerne à percepção de qualidade de vida subjectiva em função do nível sócio-económico, os resultados obtidos neste estudo indicam que existem diferenças significativas entre os níveis sócio-económico baixo, médio e elevado. Neste sentido, o nível sócio-económico elevado apresenta-se como sendo o mais satisfeito com a sua qualidade de vida subjectiva, seguido pelo nível sócio-económico médio; o menos satisfeito é o nível sócio-económico baixo.

Estes resultados eram, de certa forma, esperáveis, embora não tenha encontrado bibliografia que relacionasse a percepção de qualidade de vida subjectiva e o nível sócio-económico. Se bem que, o conhecimento empírico permite-nos afirmar que existem certas coisas que o dinheiro não compra, como é o caso do amor, da amizade e da família. Mas a verdade é que o dinheiro proporciona uma maior possibilidade de acesso a bens, serviços e a qualidade de vida objectiva que desencadeia, por sua vez, o aumento da qualidade de vida subjectiva.

Curiosamente, os resultados obtidos neste estudo mostram que existem diferenças significativas justamente para os factores *Relações*

*Sociais e Saúde e Família e conjugalidade*, para além das diferenças significativas em relação aos factores *Financeiro, Tempo, Casa e Educação*. Ora, o que é que poderá desencadear estas diferenças? De facto, o nível sócio-económico elevado tem mais facilidades de acesso à saúde do que os outros dois níveis (p. e., no caso do surgimento de uma doença grave em que os tratamentos e medicamentos são caros, o nível sócio-económico elevado tem mais possibilidades de poder recorrer aos melhores especialistas, aos melhores consultórios e hospitais privados, aos tratamentos mais dispendiosos e a poder proporcionar ao ente doente as melhores condições de vida de forma a que este possa desfrutar da melhor qualidade de vida possível, algo que, muito provavelmente, não estaria tão facilmente ao alcance do nível sócio-económico médio e muito menos ao alcance do nível sócio-económico baixo).

No que se refere às relações sociais, uma possível explicação poderá se dever ao facto do nível sócio-económico elevado assumir um papel de maior destaque na sociedade e estabelecer mais contactos sociais relevantes para uma maior percepção de qualidade de vida subjectiva.

No que toca ao factor *Família e conjugalidade*, de facto, o nível sócio-económico elevado pode proporcionar melhores condições de vida aos seus familiares, mais opções em termos de lazer (p.e. viagens), as melhores condições habitacionais (factor *Casa*) algo que poderá resultar numa percepção mais elevada de qualidade de vida subjectiva do que a percebida pelos outros níveis sócio-económicos. A elevada satisfação com o factor *Financeiro* também contribui para o bem-estar familiar ao evitar conflitos familiares relativos à sua gestão, conflitos estes, que, muitas vezes, ocorrem nos outros níveis sócio-económicos que se encontram menos satisfeitos com este factor.

No que se refere ao factor *Tempo*, o nível sócio-económico elevado revela ser, uma vez mais, o que se encontra mais satisfeito, seguido pelo nível sócio-económico baixo; sendo o nível sócio-económico médio o que se encontra o menos satisfeito com este factor. Ora, isto pode dever-se ao facto do nível sócio-económico ter de esforçar muito para conseguir manter o seu estatuto social, daí se encontrar menos satisfeito com este factor, ao contrário dos outros níveis sócio-económicos.

No que concerne ao factor *Educação*, o nível sócio-económico elevado é o que se encontra mais satisfeito com este factor, seguido pelo nível sócio-económico médio e baixo. Apesar dos esforços políticos no sentido da uniformização do acesso a um ensino público de qualidade, o nível sócio-económico mais elevado tem, muitas vezes, preferência e possibilidade de optar por prestigiados colégios privados, algo que se encontra fora do alcance dos outros dois níveis sócio-económicos.

Segundo Relvas (2004), o peso das expectativas sociais é maior no nível sócio-económico médio. «*O conflito de expectativas, gerado na aquisição de um estatuto que implica o acesso a um papel, em simultâneo, fortemente valorizado e altamente responsabilizador, comporta uma compreensível ansiedade e tensão, mesclada por um sentimento de culpabilidade, transformando a assumpção da parentalidade num período caracterizado, também, por alguma decepção, muitas incertezas e grande casaco*» (Relvas, 2004, p.80). As expectativas dos pais pertencentes aos níveis sócio-económicos médio e elevado, relativamente ao desempenho

académico dos filhos, são muito maiores do que a dos pais pertencentes ao nível sócio-económico baixo (Fulner, 2001).

Relativamente à percepção de qualidade de vida subjectiva em função das formas de família, os resultados obtidos nesta investigação revelam que as formas de família têm, de facto, impacto sobre a percepção global da qualidade de vida subjectiva dos seus elementos e que esse impacto é estatisticamente significativo. A forma de família na qual há uma maior percepção de qualidade de vida pelos seus elementos é a Reconstituída, seguida pela Monoparental e pela Nuclear intacta; sendo a Pós-divórcio a forma de família na qual há uma menor percepção de qualidade de vida por parte dos seus elementos. Estes resultados vêm, de certa forma, desmistificar o mito da “família nuclear, natural e intacta” como “modelo ideal” de vivência familiar (Vaz & Relvas, 2007).

Quanto ao nível de satisfação de cada forma de família em relação às várias dimensões da qualidade de vida, os resultados obtidos revelam que existem diferenças significativas no que toca aos factores *Tempo, Vizinhaça e Comunidade, Casa, Mass media e Família e conjugalidade*.

No que respeita ao factor *Tempo*, a forma de família mais satisfeita com este factor é a forma de família Reconstituída, seguida pela Monoparental, pela Nuclear intacta; sendo a forma de família Pós-divórcio a que se encontra menos satisfeita com este factor. Ora, a propósito do impacto do factor *Tempo* na forma de família Pós-divórcio, Peck e Manocherian (2001) revelam que «o divórcio é o maior rompimento no processo de ciclo de vida familiar, aumentando a complexidade das tarefas desenvolvimentais que a família está experienciando naquela fase. (...) Com o formato da família irrevogavelmente alterado, a família segue em frente numa nova forma. A pesquisa indica que o sistema familiar requer de um a três anos para lidar com o processo de divórcio, restabilizar-se e continuar seu processo desenvolvimental “normal”» (p. 291).

Em relação à forma de família Reconstituída, Carter & McGoldrick (2001) referem que nesta fase é essencial «ter a paciência para tolerar a ambiguidade da situação e conceder um ao outro o espaço e tempo para os sentimentos acerca de relacionamentos passados é crucial para o processo de constituir uma família recasada. Entretanto, o “cansaço de guerra” dos membros da família conduz naturalmente a uma tendência a buscar conforto, resultando frequentemente na pseudomutualidade característica que nega as dificuldades e impede a sua resolução» (p.346). A pseudomutualidade, referida pelas autoras como característica desta forma de família, poderá contribuir, de certa forma, para a elevada percepção de qualidade de vida subjectiva por parte dos seus elementos.

Um outro estudo referido pelas autoras concede uma outra possível explicação para este efeito. Estelle Duberman (1975, cit in Carter & McGoldrick, 2001) afirma que «quanto mais prolongado o período de tempo em que a família estava junta como uma unidade, mais alto era o nível de integração familiar» (p.349). No que se refere à satisfação da forma de família Monoparental com o factor tempo, um estudo levado a cabo por Vaz e Relvas (2007), demonstrou que os elementos pertencentes a esta forma de família «se sentem significativamente mais satisfeitos com os aspectos associados à Coesão, como a distribuição do tempo/espaço familiar» (p.280).

Quanto ao factor *Vizinhança e Comunidade*, a forma de família que se encontra mais satisfeita com este factor é a Reconstituída, seguida pela Monoparental e pela Nuclear intacta; sendo, mais uma vez, a forma de família Pós-divórcio a que se encontra menos satisfeita com este factor. De acordo com os resultados obtidos, apesar dos elementos da forma de família Reconstituída terem de passar por várias mudanças (p.e., de casa), os elementos parecem estar satisfeitos com estas modificações nas suas vidas e com a resposta da comunidade. A este respeito Alarcão (2000) afirma que «apesar da vulnerabilidade que estas famílias podem apresentar (...) e dos factores de risco a que podem estar sujeitas (...), as famílias reconstituídas podem oferecer-se como um importante espaço de crescimento individual e familiar» (p.213). Gameiro (1998) acrescenta que «a sensibilidade à mudança é muito maior nestas fases em que os filhos são obrigados a grandes alterações na sua vida, que implica uma mudança nos amigos; a passagem para outra casa que altera os hábitos; a vizinhança, que tantas vezes vem desde o nascimento; a distância da casa dos avós, etc.» (p.46).

Por outro lado, a insatisfação das formas de família Pós-divórcio relativamente a este factor poderá se dever ao isolamento social de que muitas vezes os elementos destas formas de famílias padecem. «As famílias com progenitor sozinho também enfrentam o isolamento social. (...) Antigos amigos do casal muitas vezes ficam pouco à vontade por permanecerem amigos de ambos os ex-cônjuges e sentem que precisam tomar partido» (p.323).

As famílias Monoparentais sentem esta mesma dificuldade. «A ausência de um dos pais de um dos pais pode ser vivida pela criança como um sinal de diferença relativamente aos restantes colegas ou como uma falha que nada, nem ninguém, parece ser capaz de colmatar. (...) O aumento do número de famílias monoparentais tem constituído um factor importante para modificação do sentimento de vergonha e de estigmatização por vezes sentido por estas crianças» (Alarcão, 2000, p.216-217).

No que concerne ao factor *Casa*, a forma de família que se encontra mais satisfeita com este factor é a Monoparental, seguida pela Reconstituída e pela Nuclear intacta; sendo, a forma de família Pós-divórcio a que se encontra menos satisfeita com este factor. As formas de família Monoparental e Reconstituída apresentam valores muito próximos no nível de satisfação com este factor. Os resultados obtidos indicam que ambas parecem apresentar grande flexibilidade e adaptabilidade às mudanças requeridas. A este respeito, Gameiro (1998) atesta que «na preparação emocional para a nova família, o planeamento da instalação da nova casa, ou a mudança na casa já existente deve ser o mais participado possível pelos filhos. Como se escolhem os quartos, quem escolhe a mobília, quem fica com quem..., é ou não necessário mudar de escola, quais as implicações desta mudança, tudo isto deve ser partilhado com os filhos» (p.45-46).

Dahl e seus colaboradores (1987, cit in Carter & McGoldrick, 2001) referem que na forma de família Reconstituída, no que toca ao factor *Casa*, «as famílias normalmente se mudavam ou redecoravam a casa durante o primeiro ano, mais ou menos, para evitar o sentimento de “estar morando na casa de uma outra pessoa”» (p.347). Por outro lado, a insatisfação da

forma de família Pós-divórcio pode provir de uma quebra nas capacidades de flexibilização e adaptação dos seus elementos às mudanças requeridas relativamente ao factor *Casa*.

No que se refere ao factor *Mass media*, a forma de família que se encontra mais satisfeita com este factor é a Reconstituída, seguida pela Nuclear intacta e pela Monoparental; sendo, mais uma vez, a forma de família Pós-divórcio a que se encontra menos satisfeita com este factor. Apesar de haver ainda muita indefinição e um certo estigma associado às formas de família, a forma de família Reconstituída parece estar a lidar melhor com a influência dos *media*, enquanto que a Monoparental parece apresentar maiores dificuldades em lidar de forma satisfatória com o impacto dos *media*. De facto, a «*representação social da família monoparental não parece ser muito positiva (...), tanto em termos globais, como no que se refere às suas dificuldades enquanto grupo familiar e à exigência na relação filho-pai/mãe*» (Alarcão, 2007, p.278).

No que se refere à relação entre a forma de família Pós-divórcio e aos *mass media*, Peck e Manocherian (2001) referem que «*embora a recente cobertura da mídia tenha chamado a atenção para a difícil situação dos avós com relação aos direitos de visitação, o processo de ajustamento ao divórcio do sistema familiar como um todo – avós, irmão e outros membros da família ampliada – frequentemente   deixado de lado. Nós acreditamos que cada um dos membros da família nuclear e ampliada   afetado de uma maneira que influencia o processo para todos, dependendo em parte da fase do ciclo de vida da família*» (p.293).

Por fim, no que respeita ao factor *Família e conjugalidade*, a forma de família que se encontra mais satisfeita com este factor   a Reconstituída, seguida pela Nuclear intacta e pela Monoparental; sendo, mais uma vez, a forma de família Pós-divórcio a que se encontra menos satisfeita com este factor. Uma possível explica o para que a forma de família Reconstituída se sinta mais satisfeita com este factor pode dever-se ao grande investimento feito pelos seus membros na rela o familiar e conjugal. Gameiro (1998) afirma que «*a decisão de criar uma nova família   um acto corajoso, movido por sentimentos amorosos que devem ser preservados no meio de algumas fases turbulentas. O espaço conjugal   a barreira protectora dos assaltos exteriores. (...) O risco desta família romper   maior do que nas famílias nascidas de um primeiro casamento; as estatísticas mostram que a percentagem de divórcios nestas famílias   superior*» (p.49).

Na família Monoparental, há a possibilidade de ocorrer a parentifica o de um dos filhos devido   ausência de um dos cônjuges (Alarcão, 2000), algo que pode traduzir a insatisfa o dos seus elementos. Por outro lado, a insatisfa o da forma de família Pós-divórcio poderá se dever   não-aceita o do divórcio por parte da família alargada. A este respeito, Gameiro (1998) refere que «*a família de origem pode ter um papel importante no apoio emocional e instrumental   nova vida familiar. Para a pessoa que se separa, não   indiferente a reac o da sua família; as reac oes negativas e a rejei o das op oes tomadas podem prejudicar gravemente a sua adapta o ao novo contexto familiar*» (p.25).

## Conclusão

Com base nos resultados obtidos no presente estudo podemos concluir que a etapa do ciclo vital em que há uma maior percepção de qualidade de vida subjectiva é na etapa *família com filhos pequenos ou em idade pré-escolar* e a etapa em que essa percepção é menor, é na etapa *família “lançadora”*. Embora estas diferenças não sejam estatisticamente significativas.

De igual modo, confirmou-se que o género não influencia a percepção de qualidade de vida subjectiva total, embora tenham sido encontradas diferenças significativas nos factores *Tempo e Família e conjugalidade*.

No que concerne à influência do nível sócio-económico na percepção de qualidade de vida subjectiva, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os três níveis, sendo o nível sócio-económico elevado o que se apresenta mais satisfeito com a qualidade de vida subjectiva total, seguido pelo médio e pelo baixo.

Relativamente à influência das formas de família na percepção de qualidade objectiva dos seus elementos, verificou-se que esta variável tem, de facto, influência na percepção de qualidade subjectiva. A forma de família Reconstituída apresentou-se como aquela que desfruta de maior percepção de qualidade de vida pelos seus elementos, seguida pela Monoparental, pela Nuclear intacta e, por último, a Pós-divórcio.

As limitações deste estudo prendem-se a algumas particularidades da nossa amostra que fazem dela uma amostra muito específica e não representativa da população geral portuguesa. Assim, a amostra em questão é na sua grande maioria constituída por elementos do género feminino (quase o dobro dos sujeitos pertence ao género feminino), apresenta uma média de idades superior a 40 anos, uma grande percentagem dos sujeitos tem escolaridade igual ou superior ao 12º ano, o nível sócio-económico predominante é o médio, a maioria das famílias se encontra na etapa do ciclo vital *famílias “lançadoras”*, a etapa *família na reforma* não se encontra representada e a grande maioria dos sujeitos pertence à forma de família Nuclear intacta. De facto, estas características específicas da nossa amostra devem ser ponderadas aquando da elaboração de conclusões acerca da real influência das variáveis na percepção de qualidade subjectiva.

Relativamente a futuras investigações, sugere-se que tenham em maior atenção a recolha de uma mostra que contenha sujeitos suficientes que se encontrem em todas as etapas do ciclo vital e que essa amostra seja mais representativa da população geral portuguesa, para que possa permitir a generalização de resultados. Seria interessante voltar a replicar este estudo para verificarmos se os dados encontrados são semelhantes, ou não, aos obtidos neste estudo, para podermos tirar algumas conclusões mais consistentes relativas aos dados alcançados que não se encontram referidos na bibliografia e à real influência das variáveis analisadas.

## Bibliografia

- Alarcão, M. (2ª Ed.). (2002). *(des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Berlim, M.T. & Fleck, M.P.A. (2003). “Quality of life”: a brand new concept for research and practice in psychiatry. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25, 249-252.
- Canavarro, M.C.; Serra, A.V.; Pereira, M.; Simões, M.R.; Quintais, L.; Quartilho, M.J.; Rijo, D.; Carona, C.; Gameiro, S.; Paredes, T. (2006). Desenvolvimento do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-100) para Português de Portugal. *Psiquiatria Clínica*, 27, 16-21.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2ª Ed.). (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Cummins, R.A. (2005). Moving from the quality of life concept to a theory. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49, 699-706.
- Fagulha, T., Duarte, M.E. & Miranda, M.J. (2000). A “qualidade de vida”: Uma nova dimensão psicológica? *Psychologica*, 25, 5-17.
- Fonseca, A.M. (2006). “Transição-adaptação” à reforma em Portugal. *Psychologica*, 42, 45-70.
- Fulner, R.H. (2001). Famílias de baixa renda e famílias com formação profissional: Uma comparação da estrutura e do processo do ciclo de vida. In B. Carter e M. McGoldrick (2ª Ed.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (465-495). Porto Alegre: Artmed editora.
- Gameiro, J. (2ª Ed.). (1998). *Os meus, os teus e os nossos: Novas formas de família*. Lisboa: Terramar.
- Gameiro, J. (2007). *Entre marido e mulher...Terapia de Casal*. Lisboa: Trilhos editora.
- Greeff, A.P. (2000). Characteristics of families that function well. *Journal of Family Issues*, 21, 948-962.
- Lee, G.R. (1988). Marital satisfaction in later life: The effects of nonmarital roles. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 775-783.
- Maroco, J. (3ª Ed.). (2007). *Análise estatística: Com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Mercier, C., Péladeu, N. & Tempier R. (1998). Age, gender and quality of

- life. *Community Mental Health Journal*, 34, 487-500.
- Olson, D.H., McCubbin, H.I., Barnes, H.L., Larsen, A. S., Muxen, M.J., & Wilson, M.A. (1983). *Families, what makes them work*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Olson, D.; McCubbin, H.; Barnes, H.; Larsen, A.; Muxen, M.; Wilson, M. (1985). *Family Inventories: Inventories Used in a National Survey of Families across the Family Life Cycle*. (2ª Ed.) St.Paul.
- Prata, F.X.P. (2008). *Terapia sistémica de casal: Respingando ideias e experiências*. Lisboa: Climepsi editores.
- Peck, J.S. & Manocherian, J.R. (2001). O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In B. Carter e M. McGoldrick (2ª Ed.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (291-318). Porto Alegre: Artmed editora.
- Relvas, A.P. (3ª Ed.). (2004). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A.P. (2007). A mulher na família: “Em torno dela”. In A.P. Relvas e M. Alarcão (2ª Ed.), *Novas Formas de Família* (299-338). Coimbra: Quarteto.
- Retting, K.D. & Leichtentritt, R.D. (1999). A general theory for perceptual indicators of family life quality. *Social Indicators Research*, 47, 307-342.
- Ribeiro, J.L.P. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto: Livpsic.
- Seidl, E.M.F. & Zannon, C.M.L.C. (2004). Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cad. Saúde Pública*, 20, 580-588.
- Simões, M. (1994). *Investigação no Âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia, Especialização em Avaliação Psicológica Apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Suitor, J.J. (1991). Marital quality and satisfaction with the division of household labor across the family life cycle. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 221-230.
- Summers, J.A., et al. (2005). Conceptualizing and measuring family quality of life. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49, 777-783.

- Vaz, C.P. & Relvas, A.P. (2007). Monoparentalidade: Uma família à parte ou parte de uma família? In A.P. Relvas e M. Alarcão (2ª Ed.), *Novas Formas de Família* (245-295). Coimbra: Quarteto.
- Verdugo, M.A., Córdoba, L. & Gómez, J. (2005). Spanish adaptation and validation of the Family Quality of Life Survey. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49, 794-798.
- World Health Organization (1997). *Measuring Quality of Life: The World Health Organization Quality of Life Instruments* (The WHOQOL-100 and the WHOQOL-BREF). Geneva: WHO (WHO/MSA/MNH/PSF/97.4).

# Anexos

# Questionário demográfico

Código: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
(dia) (mês) (ano)

## Dados pessoais:

Nacionalidade:  portuguesa  outra: \_\_\_\_\_

Local de residência (indique apenas a terra/local): \_\_\_\_\_

## Agregado familiar:

1. _____ (parentesco) (próprio)  Idade: ____  Estado civil: _____  * data: _____  Hab. Literárias/escolaridade: _____  Profissão principal: _____	2. _____ (parentesco)  Idade: ____  Estado civil: _____  * data: _____  Hab. Literárias/escolaridade: _____  Profissão principal: _____	3. _____ (parentesco)  Idade: ____  Estado civil: _____  * data: _____  Hab. Literárias/escolaridade: _____  Profissão principal: _____
4. _____ (parentesco)  Idade: ____  Estado civil: _____  * data: _____  Hab. Literárias/escolaridade: _____  Profissão principal: _____	5. _____ (parentesco)  Idade: ____  Estado civil: _____  * data: _____  Hab. Literárias/escolaridade: _____  Profissão principal: _____	6. _____ (parentesco)  Idade: ____  Estado civil: _____  * data: _____  Hab. Literárias/escolaridade: _____  Profissão principal: _____

**Filhos que eventualmente tenham saído do agregado familiar:**

1. _____ (parentesco)	2. _____ (parentesco)	3. _____ (parentesco)
Idade: _____	Idade: _____	Idade: _____
Estado civil: _____	Estado civil: _____	Estado civil: _____
* data: _____	* data: _____	* data: _____
Hab. Literárias/escolaridade: _____	Hab. Literárias/escolaridade: _____	Hab. Literárias/escolaridade: _____
Profissão principal: _____	Profissão principal: _____	Profissão principal: _____

Religião/Grupo religioso:  não  sim: \_\_\_\_\_

Nº de filhos:  1  2  3  4  5  6  7  8 ou +

**Relativamente ao elemento do agregado familiar considerado a principal fonte de suporte da família, indique:**

Situação na profissão:

- patrão  desempregado
- trabalhador por conta própria, sem assalariados  reformado
- trabalhador por conta de outrem  pensionista por invalidez

<sup>1</sup>Etapa do ciclo vital:

<sup>1</sup>Nível sócio-económico:

<sup>1</sup> Campos a preencher pelo terapeuta, no final da entrevista



*Questões Específicas:*

5. Quantas vezes, por ano, recorre ao seu Centro de Saúde/instituição de saúde (em média)  
0-2  2-4  4-6  +6

Assinale por ordem decrescente os 5 motivos mais frequentes pelos quais a sua família costuma recorrer ao Centro de Saúde:

- |                               |                          |                        |                          |
|-------------------------------|--------------------------|------------------------|--------------------------|
| Saúde Materna                 | <input type="checkbox"/> | Diabetes               | <input type="checkbox"/> |
| Saúde Infantil                | <input type="checkbox"/> | Tensão Arterial Alta   | <input type="checkbox"/> |
| CAJ                           | <input type="checkbox"/> | Consulta de Psicologia | <input type="checkbox"/> |
| Consulta do Adulto            | <input type="checkbox"/> | Consulta anti-tabágica | <input type="checkbox"/> |
| Consulta do Idoso             | <input type="checkbox"/> | Vacinação              | <input type="checkbox"/> |
| Planeamento Familiar          | <input type="checkbox"/> | Pedir receitas         | <input type="checkbox"/> |
| Rastreio (p.ex. pedir exames) | <input type="checkbox"/> | Urgências              | <input type="checkbox"/> |
| Rotina/ Check-up              | <input type="checkbox"/> | Outros: _____          |                          |

6. Já alguma vez a sua família recorreu a algum tipo de ajuda psicológica?  
Sim \_\_\_ Não \_\_\_

Se respondeu que Sim:

- que tipo de Instituição: \_\_\_\_\_
- que tipo de pedido: \_\_\_\_\_
- quanto tempo tiveram apoio: \_\_\_\_\_
- nesta altura ainda têm esse apoio: \_\_\_\_\_

# QUALIDADE DE VIDA

## Formulário Parental

Adaptado de David H. Olson & Howard L. Barnes, 1982

### Instruções:

Leia a lista de “possibilidades de resposta” uma de cada vez. Em seguida, decida acerca da forma como se sente em relação a cada uma das questões. De acordo com o seu grau de satisfação, assinale com uma cruz (x) a classificação mais indicada (1, 2, 3, 4, ou 5) à frente do tópico em questão. Obrigado.

	1	2	3	4	5
<u>QUAL O SEU NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM ?:</u>	Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Geralmente Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito
<b>Casamento e vida familiar</b>					
1. A sua família	<input type="radio"/>				
2. O seu casamento	<input type="radio"/>				
3. O(s) seu(s) filho(s)	<input type="radio"/>				
4. Número de crianças na sua família	<input type="radio"/>				
<b>Amigos</b>					
5. Os seus amigos	<input type="radio"/>				
6. A sua relação com os seus familiares (tios, tias, avós, etc.)	<input type="radio"/>				
<b>Saúde</b>					
7. A sua própria saúde	<input type="radio"/>				
8. A saúde dos outros membros da família	<input type="radio"/>				
<b>Casa</b>					
9. As suas condições actuais de habitação	<input type="radio"/>				
10. As suas responsabilidades domésticas	<input type="radio"/>				
11. As responsabilidades domésticas dos outros membros da família	<input type="radio"/>				
12. Espaço para as suas próprias necessidades	<input type="radio"/>				
13. Espaço para as necessidades da sua família	<input type="radio"/>				
<b>Educação</b>					
14. O nível de estudos que tem	<input type="radio"/>				
15. Os programas educativos projectados para melhorar o seu casamento e a sua vida familiar	<input type="radio"/>				
<b>Tempo</b>					
16. Quantidade de tempo livre	<input type="radio"/>				

	1	2	3	4	5
<u>QUAL O SEU NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM ?:</u>	Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Geralmente Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito
17. Tempo para si	<input type="radio"/>				
18. Tempo para a família	<input type="radio"/>				
19. Tempo para a lida da casa	<input type="radio"/>				
20. Tempo para ganhar dinheiro	<input type="radio"/>				
<b>Religião</b>					
21. A vida religiosa da sua família	<input type="radio"/>				
22. A vida religiosa na sua comunidade	<input type="radio"/>				
<b>Emprego</b>					
23. A sua principal ocupação (trabalho)	<input type="radio"/>				
24. A segurança do seu trabalho	<input type="radio"/>				
<b>Mass Media</b>					
25. A quantidade de tempo que os membros da sua família vêem televisão	<input type="radio"/>				
26. A qualidade dos programas televisivos	<input type="radio"/>				
27. A qualidade dos filmes	<input type="radio"/>				
28. A qualidade dos jornais e revistas	<input type="radio"/>				
29. O seu nível de rendimento	<input type="radio"/>				
30. Dinheiro para as necessidades familiares	<input type="radio"/>				
31. A sua capacidade para lidar com emergências financeiras	<input type="radio"/>				
32. Quantidade de dinheiro que deve (hipoteca, empréstimo, cartões de crédito)	<input type="radio"/>				
33. Nível de poupança	<input type="radio"/>				
34. Dinheiro para futuras necessidades da família	<input type="radio"/>				
<b>Vizinhança e comunidade</b>					
35. As escolas na sua comunidade	<input type="radio"/>				
36. As compras na sua comunidade	<input type="radio"/>				
37. A segurança na sua comunidade	<input type="radio"/>				
38. O bairro onde vive	<input type="radio"/>				
39. As instalações recreativas (parques, recintos para recreio, programas, etc.)	<input type="radio"/>				
40. Os serviços de saúde	<input type="radio"/>				